

Cândido

Voltaire

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

NÉLSON JAHR GARCIA

BIOGRAFIA DO AUTOR

CÂNDIDO

CAPÍTULO I

DE COMO FOI CÂNDIDO CRIADO EM UM LINDO CASTELO, E COMO DALI O ESCORRAÇARAM

CAPÍTULO II

DO QUE SUCEDEU A CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS

CAPÍTULO III

DE COMO CÂNDIDO ESCAPOU AOS BÚLGAROS, E DO QUE LHE SUCEDEU DEPOIS.

CAPÍTULO IV

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU O SEU ANTIGO MESTRE DE FILOSOFIA, O DOUTOR PANGLOSS, E DO QUE SUCEDEU

CAPÍTULO V

DA TEMPESTADE, NAUFRÁGIO, TERREMOTO, E DO QUE SUCEDEU AO DOUTOR PANGLOSS, A CÂNDIDO E AO ANABATISTA JAQUES.

CAPÍTULO VI

DE COMO SE FEZ UM BELO AUTO-DE-FÉ PARA EVITAR OS TERREMOTOS, E DE COMO CÂNDIDO FOI AÇOITADO.

CAPÍTULO VII

DE COMO UMA VELHA TRATOU DE CÂNDIDO, E COMO ESTE ENCONTROU O OBJETO AMADO.

CAPÍTULO VIII

HISTÓRIA DE CUNEGUNDES

CAPÍTULO IX

DO QUE ACONTECEU A CUNEGUNDES, A CÂNDIDO, AO INQUISIDOR E AO JUDEU.

CAPÍTULO X

DA SITUAÇÃO EM QUE CHEGAM OS TRÊS A CADIZ E DO SEU EMBARQUE.

CAPÍTULO XI

HISTÓRIA DA VELHA

CAPÍTULO XII

CONTINUAÇÃO DAS DESGRAÇAS DA VELHA.

CAPÍTULO XIII

DE COMO CÂNDIDO SE VIU OBRIGADO A SEPARAR-SE DA BELA CUNEGUNDES E DA VELHA

CAPÍTULO XIV

DE COMO CÂNDIDO E CACAMBO FORAM ACOLHIDOS PELOS JESUÍTAS DO PARAGUAI

CAPÍTULO XV

DE COMO CÂNDIDO MATOU O IRMÃO DE SUA QUERIDA CUNEGUNDES.

CAPÍTULO XVI

DO QUE ACONTECEU AOS DOIS VIAJANTES COM DUAS RAPARIGAS, DOIS MACACOS E OS SELVAGENS CHAMADOS ORELHÕES.

CAPÍTULO XVII

DA CHEGADA DE CÂNDIDO E CACAMBO À TERRA DO ELDORADO, E DO QUE ALI PRESENCIARAM.

CAPÍTULO XVIII

DAS COISAS QUE PRESENCIARAM NA TERRA DO ELDORADO.

CAPÍTULO XIX

DO QUE LHE SUCEDU NO SURINAM E DE COMO CÂNDIDO TRAVOU CONHECIMENTO COM MARTINHO.

CAPÍTULO XX

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO E MARTINHO DURANTE A VIAGEM.

CAPÍTULO XXI

DE COMO FILOSOFAM CÂNDIDO E MARTINHO AO AVISTAR A COSTA FRANCESA.

CAPÍTULO XXII

DO QUE ACONTECEU NA FRANÇA A CÂNDIDO E MARTINHO.

CAPÍTULO XXIII

DO QUE VIRAM CÂNDIDO E MARTINHO NA COSTA DA INGLATERRA.

CAPÍTULO XXIV

DE PAQUETTE E DO IRMÃO GIROFLÉE

CAPÍTULO XXV

DA VISITA QUE FIZERAM AO SENHOR POCOCURANTE, NOBRE VENEZIANO.

CAPÍTULO XXVI

DE UMA CEIA QUE CÂNDIDO E MARTINHO FIZERAM COM SEIS ESTRANGEIROS, QUEM ERAM ESTES.

CAPÍTULO XXVII

DA VIAGEM DE CÂNDIDO A CONSTANTINOPLA.

CAPÍTULO XXVIII

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO, A CUNEGUNDES, A PANGLOSS, A MARTINHO ETC.

CAPÍTULO XXIX

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU CUNEGUNDES E A VELHA.

CAPÍTULO XXX

CONCLUSÃO

CÂNDIDO

(Cândido, ou o otimismo. Traduzido do alemão pelo Sr. Doutor Ralph com os Acréscimos que foram encontrados no bolso do Doutor, quando morreu em Minden, no ano da Graça de 1759)

VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

“Cândido” é uma das obras mais conhecidas de Voltaire.

O texto contrapõe ingenuidade e esperteza, desprendimento e ganância, caridade e egoísmo, delicadeza e violência, amor e ódio. Tudo isso mesclado com discussões filosóficas sobre causas e efeitos, razão suficiente, ética.

Como sempre Voltaire expõe suas concepções com fina ironia, sem abandonar o sarcasmo de quando em vez. O romance, em todos e cada um dos seus parágrafos, caracteriza-se como uma sátira às idéias de Leibnitz.

Leibnitz afirmara, pelo menos assim entendeu Voltaire, que o mundo é o melhor possível, que Deus não poderia ter construído outro e que tudo corria às mil maravilhas.

Voltaire não podia partilhar dessa mesma visão otimista, suas idéias tinham resultado em prisões e perseguições a tal ponto que, por volta de 1753, já não podia fixar-se, sem risco, em lugar algum da Europa.

Cândido foi expulso de onde morava, foi preso e torturado, perdeu sua amada, seus melhores amigos; em todos os casos com requintes de crueldade. Mas a cada um desses fatos, meditava sobre como explicar o melhor dos mundos possíveis, sempre com deboche mais ou menos sutil.

Como é peculiar a todos os seus trabalhos, o filósofo também criticou acridamente os costumes, a cultura, as artes.

Sobre as relações entre sexos, uma passagem merece ser mencionada:

“Um dia, em que passeava nas proximidades do castelo, pelo pequeno bosque a que chamavam parque, Cunegundes viu entre as moitas o doutor Pangloss que estava dando uma lição de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e dócil. Como a senhorita Cunegundes tivesse grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia do desejo de se tornar sábia, e pensando que bem poderia ela ser a razão suficiente do jovem Cândido, o qual também podia ser a sua.”

Nem mesmo as falcatruas das manufaturas européias ficaram esquecidas:

“...levou-o para casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar na sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda.”

Sugestiva é a menção sobre a recompensa divina para o mal menor:

“Tínhamos um imame muito devoto e compassivo, que lhes pregou um belo sermão, persuadindo-os a que não nos matassem.

— Cortai – disse ele – apenas uma nádega a cada uma dessas damas, e com isso vos regalareis. Se for necessário mais, tereis outro tanto daqui a alguns dias. Deus recompensará tão caridosa ação, e sereis socorridos.”

Não faltou a referência à relação entre exploradores e explorados, e à hipocrisia dos poderosos.

“Já estiveste então no Paraguai? – indagou Cândido.

— É verdade. Servi de fâmulos no colégio de Assunção, e conheço o governo dos Padres como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro; é dividido em trinta províncias. Os padres ali têm tudo, e o povo nada; é a obra prima da razão e da justiça. Quanto a mim, não conheço nada mais divino do que os Padres, que aqui fazem guerra ao rei de Espanha e ao rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e em Madrid os mandam para o céu: isto me encanta.”

E com que graça se refere à simplicidade da riqueza e do luxo:

“Entraram numa casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as salas modestamente revestidas de ouro, mas tudo trabalhado com tanto gosto que nada ficavam a dever aos mais ricos lambris. A antecâmara, na verdade, era incrustada somente de esmeraldas e rubis; mas a harmonia do conjunto compensava de sobra essa extrema simplicidade.”

O respeitabilíssimo Homero não escapou das farpas:

“Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo quanto ao seu bom gosto.

— Eis – disse ele – um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha.

— Pois não faz as minhas – disse friamente Pococurante. – Fizeram-me acreditar outrora que eu sentia prazer em lê-lo; mas essa repetição contínua de combates que todos se assemelham, esses deuses que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é o motivo da guerra e que mal entra na peça; essa Tróia que cercam e não tomam, tudo isso me causava um mortal aborrecimento. Perguntei a eruditos se eles se aborreciam tanto quanto eu nessa leitura. Os que eram sinceros confessaram-me que o livro lhes tombava das mãos, mas que sempre era preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antiguidade, é como essas moedas enferrujadas que não podem circular.”

Foi nesse romance que Voltaire escreveu uma de suas mais célebres frases. Após ouvir uma breve dissertação sobre o perigo das grandezas, que todos os acontecimentos estavam devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis, que todo o sofrimento de Cândido acabara por reverter em benefícios, Cândido, candidamente, respondeu:

“— Tudo isso está bem dito... mas devemos cultivar nosso jardim.”

BIOGRAFIA DO AUTOR

FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do Édipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia Édipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, crescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu Candide, Histoire de la Russie sous Pierre le Grand, Histoire du Parlement de Paris, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CÂNDIDO

Voltaire

CAPÍTULO I

DE COMO FOI CÂNDIDO CRIADO EM UM LINDO CASTELO, E COMO DALI O ESCORRAÇARAM

Havia em Vestfália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem a quem a natureza dotara da índole mais suave. Sua fisionomia lhe anunciava a alma. Era reto de juízo e simples de espírito, razão pela qual, creio

eu, o chamavam de Cândido. Suspeitavam os velhos criados que fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honrado gentil-homem da vizinhança, com quem esta jamais consentira em casar-se, porque ele só pudera alegar setenta e uma gerações, havendo as injúrias do tempo destruído o resto da sua árvore genealógica.

Era o senhor barão um dos mais poderosos senhores de Vestfália. Sua sala de honra ostentava, até, uma tapeçaria. Todos os seus cães, reunidos, formavam, em caso de precisão, uma boa matilha; o vigário da aldeia era o seu esmoler-mor. Tratavam-no todos por Monsenhor e riam quando ele contava histórias.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinqüenta libras, granjeava com isso enorme consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. Sua filha Cunegundes, que contava dezessete anos, era corada, fresca, rechonchuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido escutava as suas lições com toda a boa fé da sua idade e do seu caráter.

Pangloss ensinava metafísico – teólogo – cosmologologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor possível dos mundos, o castelo do senhor barão era o mais belo possível dos castelos e a senhora a melhor das baronesas possíveis.

Está demonstrado, dizia ele, que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Queiram notar que os narizes foram feitos para usar óculos, e por isso nós temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para as calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e edificar castelos, e por isso Monsenhor tem um lindo castelo; o mais considerável barão da província deve ser o mais bem alojado; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, nós comemos porco o ano inteiro: por conseguinte, aqueles que asseveravam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível.

Cândido ouvia com toda a atenção e acreditava inocentemente; pois achava a senhorita Cunegundes extremamente formosa, embora jamais se atrevesse a lho dizer. Concluía que, depois da ventura de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade consistia em ser mademoiselle Cunegundes; o terceiro, em vê-la todos os dias; e o quarto, em ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província, e por conseguinte de toda a terra.

Um dia, em que passeava nas proximidades do castelo, pelo pequeno bosque a que chamavam parque, Cunegundes viu entre as moitas o doutor Pangloss que estava dando uma lição de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e dócil. Como a senhorita Cunegundes tivesse grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia do desejo de se tornar sábia, e pensando que bem poderia ela ser a razão suficiente do jovem Cândido, o qual também podia ser a sua.

Encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e enrubescceu; Cândido também corou; ela cumprimentou-o com voz entrecortada, e Cândido falou-lhe sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, Cunegundes e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegundes deixou cair o lenço, Cândido apanhou-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o jovem beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda

especial; suas bocas encontraram-se, seus olhos fulguraram, seus joelhos tremeram, suas mãos perderam-se... Ora, o senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou junto ao paravento e, vendo aquela causa e aquele efeito, correu Cândido do castelo, a pontapés no traseiro; Cunegundes desmaiou; logo que voltou a si, foi esbofeteada pela senhora baronesa; e houve a maior consternação no mais lindo e mais agradável dos castelos possíveis.

CAPÍTULO II

DO QUE SUCEDEU A CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou muito tempo sem saber por onde andava, chorando, erguendo os olhos ao céu, voltando-os seguidamente para o mais lindo dos castelos que encerrava a mais linda das baronesinhas. Deitou-se, sem comer, em pleno campo, entre dois sulcos de lavoura, enquanto caía neve em grandes flocos. Cândido, transido, arrastou-se no dia seguinte até a aldeia próxima, que se chama Valberghoff-trarbk-dikdorff, sem dinheiro, morto de fome e de cansaço. Parou tristemente à porta de uma estalagem. Dois homens trajados de azul deram com os olhos nele:

— Camarada – disse um, – eis ali um rapaz de bom corpo e que tem a altura requerida.

Dirigiram-se a Cândido e convidaram-no polidamente para almoçar.

— Senhores – lhes disse Cândido com encantadora modéstia, – concedem-me uma grande honra, mas na verdade não tenho com que pagar a minha parte.

— Ah! senhor – retrucou um dos de azul, – as pessoas do seu porte e do seu merecimento nunca pagam nada: pois o amigo não tem cinco pés e cinco polegadas!

— Sim, é essa a minha altura – disse ele, fazendo uma reverência.

— Ah! senhor, sente-se à mesa; não só lhe pagaremos tudo, mas jamais, consentiremos que um homem como o senhor ande sem dinheiro; os homens foram feitos apenas para auxiliarem uns aos outros.

— Os senhores têm toda razão – concordou Cândido.

— Foi o que sempre me disse o senhor Pangloss, e bem vejo que tudo está o melhor possível.

Pedem-lhe que aceite alguns escudos; ele os embolsa e quer passar recibo; não lho consentem, e sentam-se os três à mesa:

— O senhor não ama ternamente?...

— Oh! sim – respondeu ele, – amo ternamente a senhorita Cunegundes.

— Não – diz um deles, – nós perguntamos se não ama ternamente ao rei dos búlgaros.

— Absolutamente – retruca ele, – pois nunca o vi.

— Como! É o mais encantador dos reis, e devemos erguer-lhe um brinde.

— Oh! com muito gosto, senhores.

E Cândido bebe à saúde do rei.

— Isso basta – dizem-lhe. – O senhor agora é o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; sua fortuna está feita e sua glória assegurada.

Em seguida aplicam-lhe cadeias aos pés e o levam para o regimento. Fazem-lhe volver à direita, à esquerda, tirar a vareta, botar a vareta, – deitar por terra, atirar, correr, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte, faz o exercício um pouco menos mal e só recebe vinte bastonadas; no outro dia só recebe dez, e é olhado pelos camaradas como um verdadeiro prodígio.

Cândido, estupefato, ainda não atinava muito bem como poderia ser um

herói. Por um belo dia de primavera, lembrou-se de dar um passeio e seguiu direito em frente, na crença de que era um privilégio da espécie humana, como da espécie animal, servir-se das próprias pernas como bem lhe aprouvesse. Ainda não andara duas léguas, quando quatro outros heróis de seis pés o alcançam, amarram-no bem amarrado, e o metem num calabouço. Perguntaram-lhe juridicamente se preferia ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento ou receber, em uma só descarga, trinta e seis balas de chumbo na cabeça. Por mais que Cândido alegasse que a vontade humana é livre, teve de fazer a escolha; resolveu, então, em virtude desse dom de Deus a que chamam liberdade, ser passado trinta e seis vezes pela vara. Agüentou dois turnos.

O regimento compunha-se de dois mil homens; isso lhe valera, até então, quatro mil varadas que, da nuca ao traseiro, lhe puseram a descoberto todos os músculos e nervos.

Quando iam dar início ao terceiro, Cândido, não podendo mais, pediu por misericórdia que tivessem a bondade de lhe arrebentar os miolos. Concedem-lhe esse favor; vendam-lhe os olhos e fazem-no ajoelhar-se. Nesse momento passa o rei dos búlgaros, informa-se do crime do paciente; e, como esse rei tinha um grande gênio, compreendeu, por tudo quanto soube de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico, muito ignorante das coisas deste mundo, e concedeu-lhe a sua graça com uma demência que será louvada em todos os jornais e em todos os séculos. Um bravo cirurgião curou Cândido em três semanas, com emolientes recomendados por Dioscórides. Tinha já um pouco de pele e podia amar, quando o rei dos búlgaros travou batalha com o rei dos abaros.

CAPÍTULO III

DE COMO CÂNDIDO ESCAPOU AOS BÚLGAROS, E DO QUE LHE SUCEDEU DEPOIS.

Nada tão belo, tão lesto, tão brilhante, tão bem ordenado como aqueles dois exércitos. As trombetas, os pífanos, os oboés, os tambores, os canhões, formavam uma harmonia como jamais a houve no inferno. Primeiro os canhões derrubaram cerca de seis mil homens de cada lado; em seguida a mosquetaria varreu do melhor dos mundos uns nove a dez mil marotos que lhe infetavam a superfície. A baioneta foi também a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens. O que tudo montava a umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, ocultou-se o melhor que pôde durante aquela heróica mortandade.

Enfim, enquanto os dois reis mandavam cantar Te Deus cada qual no seu campo tomou ele o partido de ir raciocinar alhures sobre os efeitos e as causas. Passou por cima de montões de mortos e moribundos, e alcançou primeiro uma aldeia vizinha; estava reduzida a cinzas: era uma aldeia abara que os búlgaros haviam queimado, conforme as leis do direito público. Aqui, velhos crivados de golpes viam agonizar suas mulheres degoladas de cujo ensangüentado seio pendiam crianças; além, soltavam os último suspiros raparigas destripadas: depois de haverem saciado os desejos naturais de alguns heróis; outras, meio queimadas, gritavam que lhes acabassem de vez com a vida. Miolos se espalhavam sobre a terra, ao lado de pernas e braços amputados.

Cândido fugiu o mais depressa possível para outra aldeia: pertencia aos búlgaros, e os heróis abaros a tinham tratado da mesma forma. Cândido, sempre a andar por sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou

enfim o teatro da guerra, levando algumas provisões no alforje e sem nunca esquecer a senhorita Cunegundes. Acabaram-se-lhe as provisões ao chegar à Holanda; mas, tendo ouvido dizer que nesse país todos eram ricos e verdadeiramente cristãos, não duvidou que o tratassem tão bem como no castelo do senhor barão, antes de ser dali escorraçado por amor dos lindos olhos da senhorita Cunegundes.

Pedi esmola a vários personagens de ar grave e todos lhe responderam que, se continuasse a exercer tal ofício, o mandariam encerrar numa casa de correção, para ensinar-lhe a viver direito.

Dirigiu-se depois a um homem que acabava de falar sozinho uma hora inteira sobre a caridade, perante uma grande assembléia. Esse homem, olhando-o de soslaio, indagou:

— Que vieste fazer aqui? – És pela boa causa?

— Não há efeito sem causa – respondeu modestamente Cândido, – tudo está perfeitamente encadeado e arranjado o melhor possível. Foi preciso que eu tivesse sido expulso de junto da senhorita Cunegundes e passado pelas varas, e é preciso que eu esmole o meu pão antes que possa ganhá-lo; nada disso poderia ser de outro modo.

— Meu amigo – perguntou o orador, – acreditas que o Papa seja o Anticristo?

— Ainda não o ouvira dizer – respondeu Cândido. – Mas, que o seja ou não seja, o fato é que eu não tenho pão.

— Nem mereces comê-lo – retrucou o outro. – Anda, biltre, miserável! Desaparece das minhas vistas!

A mulher do orador, chegando à janela e vendo um homem que duvidava que o Papa fosse o Anticristo, despejou-lhe na cabeça todo o conteúdo de um... Ó céus! a que excessos não levam as damas o seu zelo religioso!

Um homem que ainda não fora batizado, um bom anabatista, chamado Jaques, viu de que maneira cruel e ignominiosa era tratado um de seus irmãos, um bípede implume, que possuía uma alma; levou-o para casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar na sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda. Cândido, quase a prosternar-se diante dele, exclamava: “Bem me dizia Mestre Pangloss que tudo está o melhor possível neste mundo, pois sinto-me infinitamente mais tocado com a sua extrema generosidade do que com a dureza daquele senhor de negro e da senhora sua esposa?”

No dia seguinte, ao passear, encontrou um mendigo coberto de pústulas, os olhos mortiços, a ponta do nariz carcomida, a boca de viés, os dentes negros, falando pela garganta sacudido de acessos de tosse e cuspidando um dente a cada esforço.

CAPÍTULO IV

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU O SEU ANTIGO MESTRE DE FILOSOFIA, O DOUTOR PANGLOSS, E DO QUE SUCEDEU

Cândido, mais tocado ainda de compaixão que de horror, deu àquele espantoso mendigo os dois florins que recebera do bom anabatista. O fantasma olha-o fixamente, derrama lágrimas, e salta-lhe ao pescoço. Cândido, horrorizado, recua.

— Ai! – diz o miserável ao outro miserável, – então não reconheces mais o teu caro Pangloss?

— Que ouço? Tu, o meu querido mestre! Tu, nesse horrendo estado! Que

desgraça te aconteceu? Por que não estás ainda no mais lindo dos castelos? Que foi feito da senhorita Cunegundes, a pérola das donzelas, a obra-prima da natureza?

— Não posso mais comigo – gemeu Pangloss.

Cândido o levou para o estábulo do anabatista, onde lhe deu a comer um pouco de pão. E, depois que Pangloss se refez:

— Então – disse ele, – e Cunegundes?

— Morreu.

A esta palavra, Cândido perdeu os sentidos; o amigo o fez voltar a si com um pouco de mau vinagre que havia por acaso no estábulo. Cândido reabre os olhos:

— Cunegundes morta! Oh! onde é que estás, ó melhor dos mundos? Mas de que morreu? Não seria por me ter visto expulsar a pontapés do castelo do senhor seu pai?

— Não – disse Pangloss. – Ela foi estripada por soldados búlgaros, depois de ter sido violada o mais possível; rebentaram a cabeça do senhor barão, que queria defendê-la; a senhora baronesa foi cortada em pedaços; o meu pobre pupilo, tratado precisamente como a irmã e quanto ao castelo, não ficou pedra sobre pedra, nem uma granja, nem um carneiro, nem um pato, nem uma árvore; mas fomos bem vingados, pois os abaros fizeram o mesmo em uma baronia vizinha que pertencia a um senhor búlgaro.

Ao ouvir tais coisas, Cândido desmaiou outra vez; mas, voltando a si, e tendo dito tudo o que devia dizer, Indagou da causa e do efeito, e da razão suficiente que pusera Pangloss em tão lastimável estado.

— Ai! – suspirou o outro. – Foi o amor; -, amor, o consolador do gênero humano, o conservador do universo, a alma de todos os seres sensíveis, o terno amor.

— Ai! – disse Cândido. – Eu o conheci, esse amor, esse soberano dos corações, essa alma da nossa alma: nunca me rendeu mais que um beijo e vinte pontapés por detrás. Como pôde essa bela causa produzir, na tua pessoa, tão abominável efeito?

Pangloss respondeu nos seguintes termos:

— Ó meu caro Cândido! Bem conheceste Paquette, a linda criadinha da nossa augusta baronesa; gozei nos seus braços as delícias do paraíso, que produziram em mim estes tormentos do inferno de que me vês devorado; ela estava infetada e talvez tenha morrido disso. Paquette ganhara esse presente de um franciscano muito erudito, que havia remontado à fonte, pois o adquirira de uma velha condessa, que o recebera de um capitão de cavalaria, que o devia a uma marquesa, que a tinha de um pajem, que o tomara de um jesuíta que, quando noviço, o herdara em linha reta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Quanto a mim, não o passarei a ninguém, pois estou para morrer. Ó Pangloss! – exclamou Cândido. – Que, estranha genealogia! Não seria o diabo que foi o tronco?

— Qual! – replicou o grande homem. – Era uma coisa indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário: pois, se Colombo não tivesse apanhado em uma ilha da América essa doença que envenena a fonte da geração, e que é evidentemente o oposto da grande finalidade da natureza, nós não teríamos nem chocolate nem cochonilha; cumpre observar que até hoje, no nosso continente, esta doença nos é peculiar, como a controvérsia, os turcos, os hindus, os pernas, os chins, os siameses, os nipônicos, ainda não a conhecem; mas há uma razão suficiente para que a conheçam, por sua vez, em alguns séculos. Enquanto isto, vai ela fazendo um maravilhoso progresso

entre nós, e principalmente nesses grandes exércitos compostos de honrados mercenários, tão bem educados, que decidem do destino das nações; pode-se assegurar que, quando trinta mil homens combatem em formação contra tropas iguais em número, há cerca de vinte mil contaminados em cada campo.

— Admirável disse Cândido, mas é preciso que te cures.

— Mas como? Não tenho um vintém, meu amigo; e, em toda a extensão deste globo, não me pode nem fazer uma sangria, nem tomar uma lavagem, sem pagar, ou sem que haja alguém que pague por nós.

Estas últimas palavras decidiram Cândido; foi lançar-se aos pés do caridoso anabatista Jaques e fez-lhe uma pintura tão comovente do estado a que se achava reduzido o seu amigo, que o nosso homem não hesitou em recolher o doutor Pangloss; mandou-o tratar à sua custa. Pangloss, com a cura, só perdeu um olho e uma orelha. Como tinha boa letra e sabia aritmética, o anabatista empregou-o como guarda-livros. Dois meses depois, sendo obrigado a ir a Lisboa a negócios, embarcou consigo os dois filósofos. Pangloss explicou-lhe como tudo marchava o melhor possível. Jaques não era dessa opinião.

— Está visto – dizia ele – que os homens corromperam um pouco a natureza, pois não nasceram lobos, e tornaram-se lobos. Deus não lhes deu nem canhões nem baionetas, e eles fabricaram baionetas e canhões para se aniquilarem. Eu poderia ainda levar em conta as falências, e a justiça, que se apodera dos bens dos falidos para ludibriar os credores.

— Tudo isso era indispensável – replicava o doutor caolho, – e os males particulares constituem o bem geral, de sorte que, quanto mais males particulares houver, tanto melhor irão as coisas.

Enquanto assim arrazoava, o céu escureceu, os ventos sopraram dos quatro cantos do mundo, e o navio foi assaltado pela mais tremenda tempestade, à vista do porto de Lisboa.

CAPÍTULO V

DA TEMPESTADE, NAUFRÁGIO, TERREMOTO, E DO QUE SUCEDEU AO DOUTOR PANGLOSS, A CÂNDIDO E AO ANABATISTA JAQUES.

— Metade dos passageiros, enfraquecidos, agoniados com a inconcebível indisposição em que a instabilidade de um navio deixa a todos os nervos e humores do corpo, agitados em sentidos contrários, não tinham nem mesmo forças para inquietar-se com o perigo. A outra metade soltava gritos e rezava; as velas estavam rotas, os mastros quebrados, o navio fendido. Trabalhava quem pudesse, ninguém se entendia, ninguém comandava, o anabatista auxiliava um pouco a manobra; achava-se no convés; um marinheiro furioso bate-lhe rudemente e derruba-o sobre as pranchas, mas, com o golpe que lhe deu, caiu ele próprio para fora do navio, ficando suspenso a um toco de mastro. O bom Jaques corre em seu auxílio, ajuda-o a subir e, com o esforço que faz, é precipitado no mar, sem que o marinheiro fizesse o mínimo gesto para salvá-lo. Cândido aproxima-se, vê o seu benfeitor que reaparece um momento à tona e é tragado para sempre. Quer lançar-se ao mar, mas Pangloss lho impede, provando-lhe que a enseada de Lisboa fora feita expressamente para afogar o anabatista. Enquanto o provava a priori, o navio parte-se ao meio e todos perecem, com exceção de Pangloss, de Cândido e do brutal marinheiro que afogara o virtuoso anabatista; o facínora nadou até a margem, onde Pangloss e Cândido arribaram, agarrados a uma tábua.

Depois que se refizeram um pouco, encaminharam-se para Lisboa; restava-

lhes algum dinheiro, com o qual esperavam salvar-se da fome, depois de haverem escapado à tempestade.

Mal entravam na cidade, chorando a morte do benfeitor, quando sentem o solo tremer sob os seus pés; o mar, furioso, galga o porto e despedaça os navios que ali se acham ancorados. Turbilhões de chama e cinza cobrem as ruas e praças públicas; as casas desabam; abatem-se os tetos sobre os alicerces que se abalam; trinta mil habitantes são esmagados sob as ruínas. Assobiando e praguejando, dizia consigo o marinheiro: – Muito há que aproveitar aqui. – Qual poderá ser a razão suficiente deste fenômeno? – indagava Pangloss.

Chegou o último dia do mundo! exclamava Cândido. O marinheiro corre imediatamente para o meio dos destroços, afronta a morte em busca de dinheiro, acha-o, embriaga-se; depois de cozinhar a bebedeira, compra os favores da primeira rapariga de boa vontade que encontra sobre as ruínas das casas e em meio dos mortos e moribundos. Enquanto isto, Pangloss puxava-o pela manga. – Meu amigo – dizia-lhe, – isto não está direito, ofendes a razão universal, empregas muito mal o teu tempo. – Com os diabos! – responde o outro, – sou marinheiro e nasci em Batávia; marchei quatro vezes sobre o crucifixo, em quatro viagens que fiz ao Japão; e ainda me vens com a razão universal!

Alguns estilhaços de pedra haviam ferido Cândido, que se achava estendido no meio da rua e coberto de destroços.

— Ai! – dizia ele a Pangloss, consegue-me um pouco de vinho e de óleo, que estou morrendo.

— Este terremoto não é novidade nenhuma – respondeu Pangloss. – A cidade de Lima experimentou os mesmos tremores de terra no ano passado; iguais causas, iguais efeitos: há com certeza uma corrente subterrânea de enxofre, desde Lima até Lisboa.

— Nada mais provável – respondeu Cândido, – mas, por amor de Deus, arranja-me óleo e vinho.

— Como, provável? – replicou. – Sustento que é a coisa mais demonstrada que existe.

Cândido perdeu os sentidos, e Pangloss trouxe-lhe um pouco de água de uma fonte vizinha.

No dia seguinte, havendo encontrado alguma provisão de boca em meio aos escombros, repararam um pouco as forças. Em seguida puseram-se a trabalhar como os outros para auxiliar os habitantes escapados à morte. Alguns cidadãos por eles socorridos deram-lhes o melhor almoço que poderiam encontrar em tais circunstâncias. Verdade que a refeição era triste; os convivas regavam o pão com lágrimas. Mas Pangloss consolou-os, assegurando-lhes que as coisas não poderiam ser de outra maneira: “Pois tudo isto – dizia ele – é o que há de melhor. Pois, se há um vulcão em Lisboa, não poderia estar noutra parte. Pois é impossível que as coisas não estejam onde estão. Pois tudo está bem”.

Um homenzinho de preto, familiar da Inquisição, que se achava a seu lado, tomou polidamente a palavra e disse:

— Pelo visto, o senhor não crê no pecado original; pois, se tudo está o melhor possível, não houve nem queda, nem castigo.

— Peço humildemente perdão a Vossa Excelência – disse Pangloss ainda mais polidamente, – pois a queda do homem e a maldição entravam necessariamente no melhor dos mundos possíveis.

— O senhor não crê então na liberdade? – perguntou o familiar.

— Vossa Excelência me desculpará – disse Pangloss; – a liberdade pode subsistir com a necessidade absoluta; pois era necessário que fôssemos livres, porque enfim a liberdade determinada...

Pangloss estava no meio da frase, quando o familiar fez um sinal de cabeça para o seu laçao, que lhe servia vinho do Porto.

CAPÍTULO VI

DE COMO SE FEZ UM BELO AUTO-DE-FÉ PARA EVITAR OS TERREMOTOS, E DE COMO CÂNDIDO FOI AÇOITADO.

Depois do tremor de terra que destruiu três quartas partes de Lisboa, os sábios do país não encontraram meio mais eficaz para prevenir uma ruína total do que oferecer ao povo um belo auto-de-fé; foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de algumas pessoas queimadas a fogo lento, em grande cerimonial, era um infalível segredo para impedir que a terra se pusesse a tremer.

Tinham, pois, prendido um biscainho que casara com a própria comadre, e dois portugueses que, ao comer um frango, lhe haviam retirado a gordura: vieram, depois do almoço, prender o doutor Pangloss e o seu discípulo Cândido, um por ter falado e o outro por ter escutado com ar de aprovação: foram ambos conduzidos em separado para apartamentos extremamente frescos, onde nunca se era incomodado pelo sol; oito dias depois vestiram-lhe um sambenito e ornaram-lhe a cabeça com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido eram pintados de chamas invertidas e diabos que não tinham cauda nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham cauda e garras, e as flamas eram verticais. Assim vestidos, marcharam em procissão, e ouviram um sermão muito patético, seguido de uma bela música em fabordão. Cândido foi açoitado em cadência, enquanto cantavam; o blacainho e os dois homens que não tinham querido comer gordura foram queimados, e Pangloss enforcado, embora não fosse esse o costume. No mesmo dia a terra tremeu de novo, com espantoso fragor.

Cândido, em pânico, desvairado, todo ensangüentado e palpitante, dizia consigo: “Se este é o melhor dos mundos possíveis, como não serão os outros! Se eu apenas fosse açoitado, como entre os búlgaros, ainda passava! Mas tu, meu querido Pangloss, o maior dos filósofos, ver-te enforcar sem saber por quê! E tu, meu querido anabatista, o melhor dos homens, ver-te afogado à vista do porto! E tu, ó Cunegundes, ó pérola. das donzelas, era preciso que te abrissem o ventre?!”

E assim doutrinado, açoitado, absolvido e abençoado, mal sustendo-se nas pernas, vinha ele de volta, quando uma velha o abordou e disse-lhe: “Tem coragem, meu filho, e segue-me”.

CAPÍTULO VII

DE COMO UMA VELHA TRATOU DE CÂNDIDO, E COMO ESTE ENCONTROU O OBJETO AMADO.

Coragem não a tinha, mas seguiu a velha até um casebre: esta lhe deu pomada para fomentar-se, deixou-lhe mantimentos e bebida, e indicou-lhe um leito bastante limpo, junto do qual havia um vestuário completo.

— Come, bebe, dorme – disse-lhe ela – e que Nossa Senhora de Atocha, o senhor Santo Antônio de Pádua e o senhor S. Jaques de Compostella te conservem na sua guarda: voltarei amanhã.

Cândido, ainda espantado de tudo o que vira, de tudo o que sofrera, e ainda mais da caridade da velha, quis beijar-lhe a mão.

— Não é a minha mão que deves beijar – disse a velha. – Voltarei amanhã. Esfrega-te, come e dorme. Cândido, apesar de tantas desgraças, comeu e dormiu. No dia seguinte a velha lhe traz a primeira refeição. examina-lhe as costas, fomenta-o com outra pomada; mais tarde lhe traz almoço, e volta à noite com a ceia. No terceiro dia fez as mesmas cerimônias.

— Quem é a senhora? – perguntava-lhe Cândido. – Quem lhe inspirou tamanha bondade? Que agradecimentos lhe posso dar?

A boa mulher jamais respondia; no outro dia de tarde não trouxe comida.

— Vem comigo – disse ela – e não digas coisa alguma.

Ampara-o e marcha com ele pelo campo, cerca de um quarto de milha: chegam a uma casa solitária, cercada de jardins e canais. A velha bate a uma pequena porta. Abrem; conduz Cândido, por uma escada oculta, a um salão dourado, deixa-o num canapé de brocado, fecha a porta e retira-se. Cândido julgava sonhar, e considerava toda a sua vida como um pesadelo, e o momento atual como um agradável sonho.

A velha voltou logo; amparava com dificuldade uma mulher trêmula; de porte majestoso, toda resplandecente de pedrarias e coberta com um véu.

— Retira esse véu – disse a velha a Cândido.

O jovem aproxima-se; ergue-o timidamente. Que momento! que surpresa! julga ver a senhorita Cunegundes; via-a com efeito, era ela própria. Faltam-lhe as forças, não pode dizer uma só palavra, e tomba a seus pés. Cunegundes, essa, tomba no canapé. A velha enche-os de licores; recuperam os sentidos, falam-se: são a princípio frases entrecortadas, perguntas e respostas que se entrecruzam, suspiros, lágrimas, gritos. A velha lhes recomenda que façam menos bulha, e deixa-os em liberdade.

— Como! És tu? Estás viva?! E encontro-te em Portugal! Então não te violaram? Não te fenderam o ventre, como me disse o filósofo Pangloss?

— Sim – disse a bela Cunegundes, – mas nem sempre se morre desses dois acidentes.

— Mas teu pai e tua mãe não foram mortos?

— É verdade – disse Cunegundes em pranto.

— E teu irmão?

— Meu irmão também foi morto.

— E como estás em Portugal? Como soubeste que eu aqui estava? E por que estranha aventura me mandaste trazer a esta casa?

— Tudo Isso direi – respondeu a dama, – mas é preciso que primeiro me contes o que te aconteceu desde o beijo inocente que me deste e os pontapés que recebeste.

Cândido obedeceu com profundo respeito; e, embora ainda o dominasse a confusão, embora a voz lhe estivesse fraca e trêmula, embora ainda lhe doesse um pouco a espinha, contou-lhe da maneira mais singela tudo o que sofrera desde o momento da separação. Cunegundes erguia os olhos ao céu; chorou pela morte do bom anabatista e de Pangloss. Depois falou nos seguintes termos a Cândido, que não perdia uma palavra e a devorava com os olhos.

CAPÍTULO XVIII

HISTÓRIA DE CUNEGUNDES

Estava eu no meu leito e dormia profundamente, quando aprouve aos Céus enviar os búlgaros ao nosso lindo castelo de Thunder-ten-tronckh; degolaram meu pai e meu irmão e cortaram minha mãe em pedaços. Um grande búlgaro de seis pés de altura, vendo que eu perdera os sentidos a esse espetáculo, pôs-se a violar-me; isso me fez recuperar os sentidos, gritei, debati-me, mordi, arranhei, queria arrancar os olhos do búlgaro, sem saber que tudo o que acontecia no castelo de meu pai era uma coisa costumeira: o bruto deu-me uma facada no lado esquerdo, de que ainda guardo a cicatriz.

— Ah! quero vê-la – disse o ingênuo Cândido.

— Tu a verás – respondeu Cunegundes, – mas continuemos.

— Continua – disse Cândido.

E Cunegundes assim retomou o fio da história:

— Nisto entrou um capitão búlgaro, viu-me toda ensangüentada, e o soldado não se arredava. O capitão ficou furioso com a falta de respeito que lhe testemunhava aquele bruto, e matou-o em cima do meu corpo. Em seguida ordenou que me fizessem os curativos necessários e mandou-me como prisioneira para o seu acampamento. Eu lavava as poucas camisas que ele tinha e preparava-lhe a comida. O capitão achava-me bastante bonita, devo confessá-lo; e, quanto a mim, não negarei que ele era muito bem feito de corpo e tinha a pele branca e suave; mas pouco espírito e pouca filosofia: bem se via que não fora educado pelo doutor Pangloss. Ao cabo de três meses, depois de ter perdido todo o dinheiro, e já estando aborrecido de mim, vendeu-me a um judeu chamado dom Issacar, que traficava na Holanda e em Portugal, e que era louco por mulheres. Esse judeu sentia grande atração por mim, mas não conseguia vencer-me; resisti-lhe melhor do que ao soldado búlgaro. Quando a gente tem honra, pode ser violada uma vez, mas com isso ainda mais se fortalece a virtude.

O judeu, para me abrandar, mandou-me para esta casa de campo que tu vês. Até então eu julgara que não havia nada no mundo mais bonito do que o castelo de Thunder-ten-tronckh; enganava-me.

O grande inquisidor me viu um dia na missa; não tirava os olhos de mim, e me mandou dizer que precisava falar-me sobre assuntos secretos. Fui levada a palácio; revelei-lhe a minha origem; fez-me ver o quanto estava abaixo da minha categoria pertencer a um israelita. Propuseram, da sua parte, a dom Issacar que me cedesse a Monsenhor. Dom Issacar, que é banqueiro da Corte e homem de grande influência, não se demoveu. O inquisidor ameaçou-o com um auto-de-fé. Afinal o judeu, intimidado, chegou a um acordo. Ficou combinado que a casa e eu pertenceríamos a ambos, que o judeu disporia das segundas, terças e sábados, e o inquisidor dos outros dias da semana. Há seis meses que dura essa convenção. Dificuldades não faltam; pois muitas vezes há controvérsia quanto a saber se a noite de sábado para domingo pertence à antiga ou à nova lei. Até agora tenho resistido ao judeu e ao inquisidor, e creio que é por esse motivo que continuo amada por ambos.

Enfim, para afastar o flagelo dos terremotos e intimidar dom Issacar, aprouve a Monsenhor celebrar um auto-de-fé. Deu-me a honra de me convidar para o espetáculo. Fiquei muito bem colocada; entre a missa e a execução foram servidos refrescos às damas. Na verdade, estremeci de horror ao ver queimarem aqueles dois judeus e o honrado biscainho que casara com a comadre; mas qual não foi a minha surpresa, o meu terror, a minha perturbação quando vi, de sambenito e mitra, um vulto que se assemelhava a Pangloss. Esfreguei os olhos, olhei atentamente vi-o pender da forca; tombei desmaiada. Mal recuperava os sentidos, avistei-te na liça, inteiramente nu: foi o

cúmulo do horror, da consternação, da dor, do desespero. Na verdade te direi que a tua pele é mais clara e de um colorido mais perfeito que a do meu capitão búlgaro. Essa visão redobrou todos os sentimentos que me aniquilavam, que me devoravam. Quis gritar: “Basta, bárbaros!”, mas faltou-me a voz, e os meus gritos seriam inúteis. Depois que foste bem açoitado: “Como pode ser – dizia eu comigo – que o amável Cândido e o sábio Pangloss tenham vindo parar em Lisboa, um para receber cem açoites e outro para ser enforcado, por ordem do senhor inquisidor, de quem sou amada? Pangloss enganou-me cruelmente quando me dizia que tudo está o melhor do mundo.”

Agitada, desvairada, umas vezes fora de mim, outras vezes a morrer de abatimento, tinha eu a cabeça cheia do massacre de meu pai, de minha mãe, de meu irmão, da insolência do meu maldito soldado búlgaro, da facada que ele me deu, da minha escravidão, do meu ofício de cozinheira, do meu maldito dom Issacar, do meu abominável inquisidor, do enforcamento do doutor Pangloss, daquele miserere em fabordão durante o qual te açoitavam, e principalmente do beijo que eu te dera atrás de um biombo, no dia em que te vi pela última vez. Louvei a Deus que te reconduzia a mim depois de tantas provações. Pedi à minha velha que te cuidasse e te trouxesse para aqui logo que fosse possível. Ela executou muito bem o meu mandado; gozei do inexprimível prazer de tornar a ver-te, de te ouvir, de te falar. Deves estar com uma terrível fome; eu estou com muito apetite; comecemos por cear.

Ei-los, pois, que se sentam à mesa; e, depois da ceia, vão para o belo canapé já mencionado; ali estavam eles quando chega o senhor dom Issacar, um dos donos da casa. Era um sábado. Vinha ele gozar de seus direitos e dar demonstrações de seu terno amor.

CAPÍTULO IX

DO QUE ACONTECEU A CUNEGUNDES, A CÂNDIDO, AO INQUISIDOR E AO JUDEU.

Esse Issacar era o mais colérico judeu que já se viu em Israel desde o cativo de Babilônia.

— Cadela de Galiléia – exclama ele, – então já. não te basta o senhor inquisidor? É preciso que esse maroto também compartilhe de ti?

Dizendo tais palavras, saca de um longo punhal que sempre trazia consigo e, não imaginando que o adversário estivesse armado, avança para Cândido; mas o nosso bom vestfaliano recebera uma bela espada da velha, juntamente com o vestuário completo. Puxa ele da espada, embora fosse de gênio mui tranqüilo, e estende o israelita morto aos pés de Cunegundes.

— Virgem Santa! – exclama ela. – Que será de nós? um homem assassinado em minha casa! Se vier a polícia, estamos perdidos.

— Se Pangloss não tivesse sido enforcado – disse Cândido, – nos daria um bom conselho em tal emergência, pois era um grande filósofo. Na sua falta, consultemos a velha.

Era esta muito prudente e começava a dar sua opinião quando se abriu outra pequena porta. Passava uma hora da meia-noite e principiava o domingo. Esse dia era do senhor Inquisidor, que entra e vê Cândido de espada em punho, um cadáver no chão, Cunegundes como louca e a velha a dar conselhos.

Eis o que se passou em tal instante na alma de Cândido e como ele raciocinou: “Se esse santo homem pede socorro, estou queimado vivo; o mesmo poderá suceder a Cunegundes; ele mandou açoitá-lo impiedosamente; é meu rival; posso matá-lo agora; não há que escolher”.

Esse raciocínio foi nítido e instantâneo; e, antes que o inquisidor tivesse tempo de refazer-se da surpresa, Cândido lhe atravessa o corpo com a espada, e abate-o por terra, ao lado do judeu.

— Mais um – disse Cunegundes, – agora não há mais salvação; estamos excomungados, chegou o nosso derradeiro instante. Como é que tu, que tens um gênio tão bom, pudeste matar, em dois minutos, um judeu e um prelado?

— Formosa senhorita – respondeu Cândido, – quando se está enamorado, com ciúmes, e ainda por cima açoitado pela Inquisição, a gente não se reconhece mais.

A velha tomou então a palavra e disse:

— Há três cavalos andaluzes na estrebaria, com os arreios; que o bravo Cândido os apronte; a senhora tem pistolas e diamantes: montemos depressa, embora eu apenas possa sentar de um lado só, e vamos para Cádiz; está fazendo o mais belo tempo do mundo, e assim é um prazer viajar de noite.

Cândido em seguida arregaça os três cavalos. Cunegundes, a velha e ele fazem três milhas de um fôlego. Enquanto se afastavam, chega a Santa Hermandad à casa do campo: enterram Monsenhor numa bela igreja e lançam Issacar no monturo.

Cândido, Cunegundes e a velha estavam agora na aldeia de Avicena, em meio à Sierra Morena; e assim falavam, numa hospedaria.

CAPÍTULO X

DA SITUAÇÃO EM QUE CHEGAM OS TRÊS A CÁDIZ E DO SEU EMBARQUE.

— Quem me teria roubado as minhas pistolas e os meus diamantes? – soluçava Cunegundes. – De que viveremos? Que faremos nós? Onde vou encontrar inquisidores e judeus que me dêem mais jóias e dinheiro?

— Desconfio muito – disse a velha – de um reverendo franciscano que pousou ontem em Badajoz, no mesmo albergue em que paramos. Deus me livre de formar um juízo precipitado! Mas o fato é que ele entrou duas vezes em nosso quarto e partiu muito antes de nós.

— E o bom Pangloss – suspirou Cândido, – que tantas vezes me provou que os bens terrenos são comuns a todos os mortais! Segundo esses princípios, bem que o franciscano podia deixar-nos alguma coisa para que prosseguíssemos viagem...

— Quer dizer que não te resta coisa alguma, linda Cunegundes?

— Nem um maravedi.

— É vender um dos cavalos – propôs a velha. – Irei à garupa da senhorita, embora apenas me possa sentar de um lado só. E assim chegaremos a Cádiz.

Havia no mesmo albergue um prior beneditino, que lhes comprou o cavalo por uma ninharia. Cândido, Cunegundes e a velha passaram por Lucena, por Chulas, por Lebrixa, e chegaram enfim a Cádiz. Ali se equipava uma frota e reuniam-se tropas para chamar à razão os reverendos padres jesuítas do Paraguai, aos quais acusavam de haverem revoltado uma de suas hordas, em Sacramento, contra os reis de Espanha e Portugal. Tendo servido com os búlgaros. Cândido fez os respectivos exercícios, diante do general do pequeno exército, com tanta graça, presteza, agilidade e garbo, que lhe deram o comando de uma companhia de infantaria. Ei-lo capitão; embarca com a senhorita Cunegundes, a velha, dois criados e os dois cavalos andaluzes que haviam pertencido ao senhor inquisidor-mor de Portugal.

Durante toda a travessia, discutiram muito sobre a filosofia do pobre Pangloss.

Vamos para um outro universo – dizia Cândido. – É lá sem dúvida que tudo está bem. Pois cumpre confessar que em nosso mundo não faltava o que chorar quanto ao lado físico e moral das coisas.

— Amo-te de todo o coração – dizia Cunegundes, – mas ainda sinto a alma aterrada de tudo quanto vi e experimentei

— Tudo irá bem – replicava Cândido. – Só o mar desse novo mundo já vale mais que os mares da nossa Europa: é mais calmo, e os ventos mais constantes. Não há dúvida alguma de que o novo mundo é que é o melhor dos universos possíveis

— Deus o queira! – dizia Cunegundes. – Mas fui tão horivelmente infeliz no meu, que meu coração está quase fechado à esperança.

— Ainda se queixam! – disse-lhes a velha. – Mas não passaram nem pela metade do que eu já sofri. Cunegundes quase chegou a rir, pela pretensão daquela boa mulher, em ser mais infeliz do que ela.

— Ora, minha velha! A menos que tenhas sido violada por dois búlgaros, que tenhas recebido duas facadas na barriga, que destruísses dois de teus castelos, que hajam degolado na tua frente duas mães e dois pais e que tenhas visto dois dos teus pretendentes açoitados num auto-de-fé, não vejo como poderás ganhar de mim; e não te esqueças que nasci baronesa de setenta e dois quartéis e cheguei a cozinheira.

— Bem vejo – retrucou a velha – que a senhorita ignora o meu nascimento; e, se eu lhe mostrasse o meu traseiro, não falaria assim e suspenderia o seu juízo. Tais palavras deixaram Cunegundes e Cândido extremamente curiosos. E a velha lhes falou nos seguintes termos.

CAPÍTULO XI

HISTÓRIA DA VELHA

Nem sempre tive os olhos empapuçados e debruados de vermelho; nem sempre o meu nariz tocou no queixo, e nem sempre fui criada. Sou filha do Papa Urbano X e da princesa de Palestrina. Criaram-me, até os catorze anos, em um palácio junto do qual todo, os castelos dos barões alemães não serviam para estábulo; e um só de meus vestidos valia mais que todas as magnificências da Vestfália. Crescia em beleza, em graça, em talentos, em meio dos prazeres, dos respeitos e das esperanças. Já inspirava amor, meu seio se formava; e que seio! branco, firme, talhado como o da Vênus de Médicis; e que olhos! que pálpebras! que negras pestanas! que flamas brilhavam nas minhas duas pupilas, que apagavam a cintilação das estrelas, como me diziam os poetas da vizinhança. As mulheres que me vestiam e despiam caíam em êxtase ao olhar-me por diante e por trás, e todos os homens desejariam estar no lugar delas.

Fiquei noiva de um príncipe soberano de Massa-Carrara! Que príncipe! tão belo como eu, cheio de encantos e virtudes, brilhante de espírito e ardente de amor. Eu o amava como se ama da primeira vez, com idolatria, com arrebatamento. Prepararam-se as núpcias. Era uma pompa, uma magnificência inaudita; eram festas, cavalhadas, óperas-bufas contínuas; e toda a Itália me compôs sonetos, dos quais não havia um único que fosse passável. Aproximava-se o instante da minha felicidade, quando uma velha marquesa que fora amante de meu príncipe convidou-o a tomar chocolate com ela. Morreu em menos de duas horas, em terríveis convulsões. Mas isso não passou de uma bagatela. Minha mãe, desesperada, e não menos aflita do que eu, resolveu afastar-se, por algum tempo, de lugar tão funesto. Possuía uma

bela propriedade nos arredores de Gaeta. Embarcamos numa galera do Estado, dourada como o altar de S. Pedro em Roma. Eis que um corsário de Sales nos ataca. Nossos soldados defenderam-se como soldados do Papa: tombaram de joelho., soltando as armas, e pedindo ao corsário uma absolvição in articulo mortis.

Em seguida os deixaram nus como macacos, e à minha mãe também, e às nossas aias, e a mim também. E uma coisa admirável a presteza com que esses indivíduos despem a gente. Mas o que mais me surpreendeu foi que nos meteram o dedo em um lugar onde nós, mulheres, geralmente só deixamos introduzir cânulas. Tal cerimônia me pareceu muito estranha: eis como a gente julga as coisas quando nunca saiu da terra natal. Soube logo que era para ver se não tínhamos ocultado ali alguns diamantes: é um uso estabelecido, desde tempos imemoriais, entre as nações civilizadas que exercem a navegação. Soube que os reverendos cavaleiros de Malta nunca deixam de o fazer quando aprisionam turcos e turcas; é uma lei do direito das gentes, que jamais foi infringida. Não direi o quanto é duro para uma jovem princesa ser conduzida como escrava a Marrocos, juntamente com sua mãe. Imaginem o que não sofremos no navio corsário! Minha mãe era ainda muito bonita; e nossas aias, nossas simples criadas, tinham mais encantos do que se poderiam encontrar por toda a África. Quanto a mim, era encantadora, era a beleza, a graça em pessoa, e era virgem; não o fui por muito tempo: essa flor que eu reservara para o belo príncipe de Massa-Carrara me foi arrebatada pelo capitão corsário; era um negro abominável que ainda por cima estava crente de que me fazia uma grande honra. A senhora princesa de Palestrina e eu tínhamos de ser mesmo muito fortes para resistir a tudo o que experimentamos até a nossa chegada a Marrocos. Mas passemos adiante; são coisas comuns, em que não vale a pena insistir.

Marrocos nadava em sangue quando ali chegamos. Os cinqüenta filhos do imperador Muley-Ismael tinham cada um o seu partido: o que constituía de fato cinqüenta guerras civis, de negro. contra negro, de negros contra trigueiro, de trigueiros contra trigueiros, de mulatos contra mulatos. Era uma carnagem contínua em toda a extensão do Império.

Apenas desembarcamos, os negros de uma facção contrária à do nosso corsário vieram arrebatá-lo a presa. Depois dos diamantes e do ouro, éramos nós o que ele tinha de mais precioso. Fui testemunha de um combate como não se vê igual em climas europeus, Os povos setentrionais não têm sangue bastante ardente. Não tem esse furor pelas mulheres que se vê na África. Parece que o. europeus têm leite nas veias; pois é vitríolo, é fogo que corre nas veias dos habitantes do monte Atlas e dos países vizinhos. Combateram com a sanha dos leões, dos tigres e das serpentes da região para ver quem nos possuiria. Um mouro agarrou minha mãe pelo braço direito, um lugar-tenente de meu capitão segurou-a pelo esquerdo; um soldado mouro pegou-a por uma perna, um dos nossos piratas pela outra. Em um instante, quase todas as nossas mulheres se viram assim puxadas por quatro soldados. Meu capitão me conservava oculta atrás de si. Empunhava. a cimitarra e matava quem quer que se lhe opusesse. Vi afinal todas as nossas italianas e a minha mãe despedaçadas, retalhadas, massacradas pelos monstros que as disputavam. Os meus companheiros cativos, os que os haviam aprisionado, soldados, marinheiros, negros, trigueiros, brancos, mulatos, e o meu capitão, foi tudo assassinado, e eu ali fiquei, agonizante, sobre um montão de cadáveres. Cenas tais ocorriam numa extensão de trezentas léguas, sem que ninguém faltasse às cinco preces diárias ordenadas por Maomé.

Com muita dificuldade desembarcei-me daquela multidão de corpos sangrentos e arrastei-me para debaixo de uma laranjeira à margem de um arroio próximo; tombei por terra, de medo, de cansaço, de desespero e de fome. Em breve meus sentidos exaustos se entregaram a um sono que mais se aproximava do desmaio que do repouso. Estava naquele estado de fraqueza e de insensibilidade, entre a morte e a vida, quando senti alguma coisa que se agitava sobre o meu corpo. Abri os olhos e vi um homem branco e de fisionomia simpática que suspirava e dizia entre dentes: O che sciagura d'essere senza coglioni!

CAPÍTULO XII

CONTINUAÇÃO DAS DESGRAÇAS DA VELHA.

Atônita e encantada de ouvir a língua da minha pátria, e não menos surpresa das palavras que proferia aquele homem, respondi-lhe que havia maiores, desgraças do que aquela de que ele se queixava. Informei-o em poucas palavras dos horrores por que passara, e desmaiei de novo. Levou-me para uma casa vizinha, fez com que me dessem leite e comida, atendeu-me, consolou-me, lisonjeou-me, disse-me que nada vira de tão lindo como eu e que nunca lamentara tanto aquilo que ninguém lhe poderia devolver.

— Nasci em Nápoles – me disse ele. É sabido que ali costumam castrar de dois a três mil meninos por ano; uns morrem da operação, outros adquirem uma voz mais bela que a das mulheres, outros vão governar Estados. Fizeram-me a intervenção com grande sucesso, e fui músico da capela da senhora princesa da Palestrina.

— Da minha mãe! – exclamei.

— Da sua mãe! – bradou ele, chorando. – Como! Então a senhora é aquela jovem princesa que eu criei até a idade de seis anos e que já prometia ser tão linda assim?

— Sou eu mesma; minha mão se acha a quatrocentos passos daqui, esquartejada sob um montão de mortos...

Contei-lhe tudo o que me sucedera e ele contou-me as suas aventuras. Naquela época fora enviado em missão junto ao rei de Marrocos, da parte de uma potência cristã, a fim de concluir um tratado com nosso monarca. Mediante esse tratado, se forneceria ao maometano pólvora, canhões e navios, a fim de auxiliar a parte contratante a exterminar o comércio dos outros cristãos.

— Minha missão está cumprida – disse aquele honrado eunuco. – Vou embarcar em Ceuta e a levarei comigo para a Itália. Ma che sciagura d'essere senza coglioni!

Agradei-lhe com lágrimas de enternecimento; e, em vez de conduzir-me à Itália, levou-me para a Argélia e vendeu-me ao bei dessa província. Mal fora vendida, quando essa peste que deu volta à África, à Ásia e à Europa, se alastrou na Argélia com furor. Meus amigos já viram terremoto. Mas e a peste? A senhorita nunca apanhou peste?

— Nunca – respondeu a baronesa.

— Ah! se a tivesse apanhado – tornou a velha, – confessaria que é muito pior que um terremoto. É muito comum na África; fui atacada. Imaginem que situação para a filha de um papa, que tinha apenas quinze anos de idade, e que, no espaço de três meses, conhecera a pobreza, a escravidão, fora violada quase todos os dias, vira esquartejarem a sua mãe, sofrera a fome e a guerra, e estava para morrer de peste na Argélia. No entanto não morri. Mas o meu

eunuco e o bei pereceram, juntamente com quase todo o serralho da Argélia.

Passadas as primeiras devastações dessa horrível peste, foram postas em leilão as escravas do bei. Um mercador arrematou-me, levando-me para Túnis; vendeu-me a outro mercador, que me revendeu em Trípoli; de Trípoli fui revendida em Alexandria, de Alexandria em Esmirna, de Esmirna em Constantinopla. Fiquei enfim pertencendo a um agá dos janízaros, que em breve foi incumbido de defender Azof contra os russos que a cercavam.

O agá, homem muito galante, levou consigo todo o seu serralho, e nos alojou em um fortim sobre os Paus-Meótides, guarnecido por dois eunucos negros e vinte soldados. Mataram um número prodigioso de russos, mas estes nos pagaram na mesma moeda. Azof foi posto a ferro e fogo, e não poupavam nem sexo nem idade; afinal só restou nosso pequeno forte; os inimigos resolveram vencer-nos pela fome. Os vinte janízaros tinham jurado não render-se nunca. A fome extrema a que se viram reduzidos os obrigou a comer as nossos dois eunucos, por modo de quebrarem o juramento. Passados alguns dias, decidiram comer as mulheres.

Tínhamos um imame muito devoto e compassivo, que lhes pregou um belo sermão, persuadindo-os a que não nos matassem.

— Cortai – disse ele – apenas uma nádega a cada uma dessas damas, e com isso vos regalareis. Se for necessário mais, tereis outro tanto daqui a alguns dias. Deus recompensará tão caridosa ação, e sereis socorridos.

Tinha bastante eloquência, e convenceu-os. Fizeram-nos essa horrível operação. O imame nos aplicou o mesmo bálsamo que se põe no menino que acabam de circuncidar. Estávamos todas pela hora da morte. Mal haviam os janízaros terminado a refeição que lhes fornecêramos, quando chegaram os russos em chatas; não sobrou um único janízaro. Os russos não deram a mínima atenção ao estado em que nos achávamos. Há por toda parte cirurgiões franceses: um deles, que era muito hábil, nos socorreu; curou-nos satisfatoriamente, e toda a minha vida hei de lembrar-me que, quando as minhas feridas ficaram bem cicatrizadas, ele me fez propostas. De resto, nos disse a todas que nos consolássemos, assegurando-nos que em vários cercos sucedera a mesma coisa, e que essa era a lei da guerra.

Logo que pudemos caminhar, mandaram-no para Moscou. Quanto a mim, coube em partilha a um boiardo que me fez trabalhar na sua horta e me dava vinte laços por dia. Mas, dois anos depois, tendo sido esse cavaleiro mandado a suplício, por alguma intriga de Corte, em companhia de trinta colegas seus, aproveitei a emergência e fugi: atravessei toda a Rússia; fui por muito tempo criada de taverna em Riga, depois em Rostock, em Vismar, em Leipzig, em Camel, em Utrecht, em Leyde, em Haya, em Rotterdam. Envelheci na miséria e no opróbrio, não tendo mais que a metade do traseiro, e sempre a lembrar-me de que era filha de um papa; cem vezes quis matar-me, mas ainda amava a vida. Essa ridícula fraqueza é talvez um dos nossos pendores mais funestos: pois haverá coisa mais tola do que carregar continuamente um fardo que sempre se quer lançar por terra? Ter horror à própria existência e apegar-se a ela. Acariciar, enfim, a serpente que nos devora, até que nos haja engolido o coração?

Vi, nos países que a sorte me fez percorrer e nas estalagens onde servi, um número prodigioso de pessoas que execravam a sua vida; mas apenas encontrei doze que acabaram voluntariamente com a própria miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genebrinos e um professor alemão chamado Robeck. Terminei como criada do judeu dom Issacar, que me encarregou de a servir, minha linda senhorita; liguei-me a seu destino, e tenho-me ocupado

mais das suas aventuras que das minhas. E jamais falaria de minhas desgraças se a senhorita não me houvesse melindrado e se não fosse costume a bordo contar histórias para enganar o aborrecimento. Enfim, senhorita, tenho experiência, conheço o mundo. Quer distrair-se? Convide cada passageiro a contar a sua história; e, se encontrar um só que não haja amaldiçoado a vida muitas vezes e que muitas vezes não tenha dito consigo que era o mais infeliz dos homens, pode então lançar-me de cabeça ao mar.

CAPÍTULO XIII

DE COMO CÂNDIDO SE VIU OBRIGADO A SEPARAR-SE DA BELA CUNEGUNDES E DA VELHA

Tendo ouvido a história da velha, a bela Cunegundes dispensou-lhe todas as atenções que se deviam a uma pessoa da sua posição e do seu mérito. Aceitou a proposta; induziu todos os passageiros a contarem um após outro as suas aventuras.

Cândido e ela confessaram que a velha tinha razão.

— É uma pena – dizia Cândido – que o sábio Pangloss tenha sido enforcado, contra o costume, em um auto-de-fé; ele nos diria coisas admiráveis sobre o mal físico e o mal moral que cobrem a terra e o mar, e eu me sentiria com bastante ânimo para me atrever a fazer-lhe respeitosamente algumas objeções.

A medida que cada um contava a sua história, o navio avançava. Aportaram em Buenos Aires. Cunegundes, o capitão Cândido e a velha foram ter com o governador Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa. Esse senhor tinha uma altivez adequada a um homem que usava tantos nomes. Falava aos homens com o mais nobre desdém, erguendo tão alto o nariz, elevando tão implacavelmente a voz, assumindo um ar tão imponente, afetando um andar tão altaneiro, que todos os que o cumprimentavam sentiam ganas de bater-lhe. Amava as mulheres com loucura. Cunegundes lhe pareceu a criatura mais linda que já vira no mundo. A primeira coisa que fez foi perguntar se não era esposa do capitão. O tom da pergunta alarmou Cândido: não ousou dizer-lhe que era sua esposa porque de fato não o era; não ousava dizer que era sua irmã, porque tampouco o era; e, embora essa mentira oficiosa estivesse outrora muito em moda entre os antigos e pudesse ser útil aos modernos, a sua alma era demasiado pura para trair a verdade.

— A senhorita Cunegundes – disse ele – deve conceder-me a honra de casar comigo, e suplicamos a Vossa Excelência que se digne mandar celebrar as nossas núpcias.

Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa, cofiando o bigode, sorriu amargamente e ordenou ao capitão Cândido que fosse passar em revista a sua companhia. Cândido obedeceu; o governador ficou com a senhorita Cunegundes. Declarou-lhe a sua paixão, protestou que no dia seguinte a desposaria em face da Igreja, ou de qualquer outra maneira, conforme aprouvesse a seus encantos. Cunegundes pediu um quarto de hora para refletir, para consultar a velha e tomar uma decisão.

Disse a velha a Cunegundes:

— A senhorita tem setenta e dois quartéis e nem um óbulo; só depende de si ser esposa do maior senhor da América do Sul e que tem tão belos bigodes; e acaso está em condições de ostentar uma fidelidade a toda prova? Pois não foi violada pelos búlgaros? Um judeu e um inquisidor não gozaram da sua boa

vontade? As desgraças outorgam direitos. Confesso que, se estivesse em seu lugar, não teria nenhum escrúpulo em desposar o senhor governador e fazer a fortuna do senhor capitão Cândido.

Enquanto a velha falava com toda a prudência que dão a experiência e a idade, viram entrar no porto um pequeno navio; trazia um alcaide e alguazis, e eis o que sucedera.

Bem adivinhara a velha que fora um franciscano que havia roubado o dinheiro e as jóias de Cunegundes, na cidade de Badajoz. O monge procurou vender algumas das pedras a um joalheiro. O negociante reconheceu-as como pertencentes ao inquisidor-mor. Antes de ser enforcado, o franciscano confessou de quem as roubara; indicou as pessoas e o rumo que tomavam. A fuga de Cunegundes e Cândido era já conhecida. Seguiram-lhes o rastro até Cádiz; sem perda de tempo, despacharam um navio em sua perseguição. Esse navio já estava agora no porto de Buenos Aires. Logo se espalhou que um alcaide ia desembarcar e que perseguiam os assassinos do inquisidor-mor. A prudente velha viu num instante tudo o que se devia fazer.

— A senhorita não pode fugir – disse ela a Cunegundes, e nada tem a temer; não foi a senhorita quem matou Monsenhor; e aliás o governador que a ama, não permitirá que a maltratem; fique onde está.

Corre imediatamente a Cândido: – Fuja – lhe diz ela, – ou dentro em uma hora será queimado.

Não havia um momento a perder. Mas como separar-se de Cunegundes? E onde refugiar-se?

CAPÍTULO XIV

DE COMO CÂNDIDO E CACAMBO FORAM ACOLHIDOS PELOS JESUÍTAS DO PARAGUAI

Cândido trouxera de Cádiz um criado como os há em quantidade nas costas da Espanha e nas colônias. Tinha um quarto de espanhol, pois nascera de um mestiço, em Tucuman; fora menino de coro, sacristão, marinheiro, monge, carregador, soldado, lacaio. Chamava-se Cacambo e estimava muito a seu patrão, porque o seu patrão era um excelente homem. Selou às pressas os dois cavalos andaluzes.

— Vamos, patrão. Siga o conselho da velha, e corramos sem olhar para trás.

Cândido põe-se a chorar:

— Ai minha querida Cunegundes! Devo eu abandonar-te quando o senhor governador vai preparar as tuas núpcias? Eu que te trouxe de tão longe! Que vai ser de ti?

— Será o que puder – disse Cacambo, – as mulheres nunca se embaraçam; Deus as ajuda; corramos.

— Aonde me levas? Aonde vamos? Que faremos sem Cunegundes? – dizia Cândido.

— Por S. Jaques de Compostella – disse Cacambo. – O patrão não ia combater contra os jesuítas? Pois combata agora pelos jesuítas. Conheço bem os caminhos; vou levá-lo até o reino deles; ficarão encantados de ter um capitão que saiba fazer exercícios à moda búlgara. O senhor fará uma fortuna prodigiosa. Quando a gente não se ajeita num mundo, procura arranjar-se noutro. É um prazer extraordinário ver e fazer coisas novas.

— Já estiveste então no Paraguai? – indagou Cândido.

— É verdade. Servi de fâmulos no colégio de Assunção, e conheço o governo dos Padres como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável

esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro; é dividido em trinta províncias. Os padres ali têm tudo, e o povo nada; é a obra prima da razão e da justiça. Quanto a mim, não conheço nada mais divino do que os Padres, que aqui fazem guerra ao rei de Espanha e ao rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e em Madrid os mandam para o céu: isto me encanta. Avancemos. O patrão vai ser o mais feliz de todos os homens. Que prazer não terão os Padres quando souberem que lhes chega um capitão que conhece manobras búlgaras!

Logo que chegaram à primeira barreira, Cacambo disse à guarda avançada que um capitão pedia para falar ao monsenhor comandante. Foram avisar a grande guarda. Um oficial paraguaio correu aos pés do comandante para lhe dar a notícia. Cândido e Cacambo foram primeiramente desarmados; apoderaram-se de seus cavalos andaluzes. Os dois estrangeiros são introduzidos em meio de duas filas de soldados, a cuja extremidade se achava o comandante, de chapéu de três bicos, batina arrepanhada, espadim à cinta, lança em punho. Fez um sinal; e logo vinte e quatro milicianos cercam os recém-chegados. Informa-lhes um sargento que é preciso esperar, que o comandante não pode atendê-los, pois o reverendo padre provincial não permite que nenhum espanhol abra a boca a não ser em sua presença nem permaneça mais de três horas no país.

— E onde está o reverendo padre provincial? – Indagou Cacambo.

— Está na parada, depois que rezou missa; e só daqui a três horas é que vocês lhe podem beijar as esporas.

— Mas – observou Cacambo – o senhor capitão, que está a morrer de fome como eu, não é espanhol, é alemão; não poderíamos almoçar enquanto esperamos Sua Reverendíssima?

O sargento foi imediatamente comunicar tais palavras ao comandante.

— Graças a Deus que ele é alemão – disse este, – pois assim lhe posso falar. Que o tragam ao meu caramanchel

Conduzem Cândido a uma espécie de salão de folhagens, cercado de uma linda colunata de mármore verde e dourado e de aviários que encerravam papagaios, colibris, beija-flores, pintadas, e todos os pássaros, dos mais raros. Achava-se servido um excelente almoço, em baixelas de ouro; e, enquanto os paraguaios comiam canjica em escudelas de pau, ao ardor do sol, o reverendo padre comandante entrou no caramanchel.

Era um belo jovem, de rosto cheio, faces coradas, sobrelhas erguidas, olho vivo, orelhas rosadas, lábios rubros, o ar altivo, mas de uma altivez que não era nem a de um espanhol nem a de um jesuíta. Devolveram a Cândido e Cacambo as armas que lhe haviam retirado, bem como os dois cavalos andaluzes; Cacambo fê-los comer aveia, junto ao caramanchão, e sempre trazendo-os de olho, para evitar alguma surpresa.

Cândido beijou primeiro a fimbria da batina do comandante, e em seguida sentaram-se à mesa.

— Com que então o senhor é alemão? – perguntou-lhe o jesuíta nesse idioma.

— Sim, meu reverendo.

Tanto um como outro, enquanto pronunciavam tais palavras, se olhavam com grande surpresa e uma emoção que não podiam dominar.

— E de que região da Alemanha é o senhor? – indagou o jesuíta.

— Da maldita província de Vestfália – disse Cândido.

— Nasci no castelo de Thunder-ten-tronckh.

— O Céus! Será possível! – exclamou o comandante.

- Que milagre! – bradou Cândido.
- Serás tu mesmo? – disse o comandante.
- Impossível! – disse Cândido.

Recuam de espanto, abraçam-se, vertem rios de lágrimas.

— Como, és tu, meu reverendo Padre? Tu, o irmão da bela Cunegundes! Tu, que foste morto pelos búlgaros! Tu, o filho do senhor barão! Tu, jesuíta no Paraguai! Tem-se de confessar que este mundo é uma coisa estranha! Ó Pangloss! ó Pangloss! Como não estarias contente agora, se não te houvessem enforcado!

O comandante mandou embora os escravos negros e os paraguaios que serviam bebida em tigelas de cristal de rocha. Agradeceu mil vezes a Nosso Senhor e a Santo Inácio; estreitava Cândido nos braços; as suas faces estavam banhadas de lágrimas.

— Mais espantado ficarias – disse Cândido, – mais comovido, mais fora de ti mesmo, se eu te dissesse que a senhorita Cunegundes tua irmã, a quem julgavas destripada, se acha agora cheia de saúde. — Onde?

— Na tua vizinhança, com o senhor governador de Buenos Aires. E eu tinha vindo para combater-te...

Cada palavra que pronunciavam nessa longa conversação acumulava prodígios sobre prodígios. A alma inteira lhes voava na ponta da língua, mantinha-se atenta nos ouvidos, fulgurante nos olhos. Como eram alemães, demoraram-se por muito tempo á mesa, enquanto não vinha o padre provincial. E o comandante assim falou a seu querido Cândido.

CAPÍTULO XV

DE COMO CÂNDIDO MATOU O IRMÃO DE SUA QUERIDA CUNEGUNDES.

Nunca me sairá da memória o dia horrível em que vi matarem meu pai e minha mãe e violarem minha irmã. Quando os búlgaros se retiraram, havia desaparecido aquela irmã adorável, e meu pai, minha mãe, eu, duas criadas e três meninos degolados fomos colocados numa carroça, a fim de nos enterrarem em uma capela de jesuíta, a duas léguas do castelo. Um jesuíta aspergiu-nos com água benta; estava horrivelmente salgada; entraram-me algumas gotas nos olhos; o padre percebeu que minhas pálpebras se agitavam levemente: pôs a mão no meu peito e sentiu palpitar-me o coração; fui socorrido e, ao cabo de três semanas, estava como dantes. Bem sabes, meu caro Cândido, que eu era bastante bonito; pois mais bonito fiquei depois; de modo que o reverendo padre Croust, superior do convento, sentiu-se tomado por mim da mais terna amizade; fez-me envergar o hábito de noviço; algum tempo depois fui enviado a Roma. O vigário geral tinha necessidade de uma leva de jovens jesuítas alemães. Os soberanos do Paraguai recebem o menos que podem de jesuítas espanhóis; preferem os estrangeiros, de quem se julgam mais senhores. Fui julgado apto pelo reverendo vigário geral, para vir trabalhar nesta vinha. Partimos, um tirolês, um polaco e eu. Honraram-me, de chegada, com um subdiaconato e uma lugar-tenência; hoje sou coronel e padre. Recebemos à altura as tropas do rei de Espanha; garanto-te que serão devidamente excomungadas e batidas. A Providência te mandou aqui para nos secundares. Mas é verdade mesmo que a minha querida irmã Cunegundes se acha nas vizinhanças, em poder do governador de Buenos Aires?

Cândido jurou que nada era mais verdadeiro. E puseram-se ambos a chorar.

O barão não se cansava de abraçar Cândido; chamava-lhe de seu irmão e

salvador.

— Ah, meu querido Cândido, talvez possamos os dois entrar vencedores na cidade e arrebatá-la, e espero fazê-lo ainda.

— É o que mais desejo neste mundo – disse Cândido, – pois tencionava desposá-la, e espero fazê-lo ainda.

— Tu, insolente! – exclamou o barão. – Tens então a imprudência de querer desposar a minha irmã, que possui setenta e dois quartéis?! O que me admira é o teu descaramento em ousar falar-me de um desejo tão atrevido!

Cândido, estarrecido, retrucou-lhe:

— Todos os quartéis do mundo, meu Reverendo Padre, agora nada significam; tirei a sua irmã dos braços de um judeu e de um inquisidor; ela me deve muitas obrigações, e quer casar comigo. Mestre Pangloss sempre me disse que os homens são iguais, e eu hei de casar com Cunegundes.

— É o que veremos, patife! – bradou o jesuíta barão de Thunder-ten-tronckh, ao mesmo tempo que lhe desfecha no rosto um violento golpe com a folha da espada. Cândido no mesmo instante puxa da sua e mergulha-a até a guarda no ventre do barão jesuíta; mas, ao retirá-la úmida de sangue quente, põe-se a chorar: “Oh! Meu Deus! Matei o meu antigo senhor, o meu amigo, o meu cunhado; sou o melhor homem do mundo e já são três homens que mato; e, desses três, dois são padres!”

Cacambo, que montava guarda à entrada do caramanchão, acorreu em seguida.

— Só nos resta vender caro a nossa vida – lhe disse Cândido. – Não tardarão a chegar; deveremos morrer de arma em punho.

Cacambo, que já passara por outras, não perdeu a cabeça. Despiu a batina do barão, vestiu-a sem demora em Cândido, deu-lhe o chapéu de três bicos e o fez montar a cavalo. Tudo isto se passou enquanto o diabo esfrega um olho.

— Corramos, patrão; todos o vão tomar por um jesuíta que anda a serviço; e teremos passado as fronteiras antes que possam sair em nosso encalço.

Já voava ao dizer Isto, e gritava em espanhol:

— Alas! alas! para o reverendo padre coronel!

CAPÍTULO XVI

DO QUE ACONTECEU AOS DOIS VIAJANTES COM DUAS RAPARIGAS, DOIS MACACOS E OS SELVAGENS CHAMADOS ORELHÕES.

Já haviam os dois atravessado a fronteira, e no acampamento ainda ninguém sabia da morte do jesuíta alemão. O diligente Cacambo teve cuidado de encher o alforje de pão, chocolate, presunto, frutas, e algumas medidas de vinho. Adentraram-se numa região desconhecida, onde não descobriram estrada alguma. Afinal deparou-se-lhes à vista um belo prado cortado de arroios. Os nossos dois viajantes puseram os cavalos a pastar. Cacambo propõe uma refeição, e dá o exemplo, principiando a comer com apetite.

— Como queres tu – dizia Cândido – que eu coma presunto, quando matei o filho do senhor barão e me vejo condenado a nunca mais rever a bela Cunegundes? De que me servirá prolongar meus miseráveis dias, se deve arrastá-los longe dela, no remorso e no desespero? E que dirá o jornal de Trévoux?

Enquanto assim falava, não cessava de comer. O sol ia tombando. Os dois extraviados ouviram alguns gritos agudos, que pareciam de mulheres. Não sabiam se esses gritos eram de dor ou de alegria; mas ergueram-se precipitadamente com essa inquietação e alarma que tudo inspira em uma

região desconhecida. Partiam os clamores de duas raparigas nuas que corriam pela orla do bosque, enquanto dois macacos as perseguiram, mordendo-lhes as nádegas. Cândido encheu-se de piedade; tinha aprendido a atirar com os búlgaros, e seria capaz de abater uma noz sem tocar nas folhas. Toma do seu fuzil espanhol de dois tiros, faz pontaria e mata os dois macacos.

— Louvado seja Deus, meu caro Cacambo! Livrei de um grande perigo essas duas pobres criaturas; e se cai em pecado matando um inquisidor e um jesuíta, já o remi agora, salvando a vida de duas mulheres. Devem ser damas de boa condição, e esta aventura nos pode trazer grandes vantagens no país.

la continuar, mas o espanto lhe paralisou a língua ao ver aquelas duas raparigas beijarem ternamente os dois macacos, desatando em pranto sobre os seus corpos e enchendo o ar com os gritos mais pungentes.

— Eu não esperava tanta bondade de alma – disse afinal a Cacambo, o qual replicou:

— Bela coisa fez o patrão! Acaba de matar os amantes dessas moças.

— Seus amantes! Será possível? Estás zombando de mim, Cacambo. Como vou acreditar numa coisa dessas?

— O senhor, meu caro patrão, anda sempre a espantar-se de tudo; por que acha tão estranho que nalguns países haja macacos que obtêm favores femininos? Eles têm um quarto de homens, como eu tenho um quarto de espanhol.

— Ah! – disse Cândido, – lembro-me de ter ouvido a Pangloss que outrora aconteciam tais acidentes, e que tal mescla produzira egipãs, faunos, sátiros; que várias personagens da antiguidade os haviam visto; mas eu tomava tudo isso por fábulas.

— Agora deve estar convencido de que é verdade – disse Cacambo, – e bem vê como se comportam nesse ponto as pessoas que não receberam certa educação. O que eu temo é que essas damas nos metam em maus lençóis.

Essas reflexões induziram Cândido a deixar o prado e meter-se no bosque, onde jantaram. E, depois de terem amaldiçoado o inquisidor de Portugal, o governador de Buenos Aires e o barão, adormeceram sobre a relva. Ao despertar, sentiram que não podiam mover-se; era que, durante a noite, os orelhões, habitantes da região, a quem as duas damas os denunciaram, os haviam amarrado com cipós. Estavam cercados de uns cinqüenta orelhões nus, armados de flechas, maças e machados de pedra. Uns punham ao fogo uma grande caldeira; outros preparavam espetos. E todos gritavam:

— É um jesuíta, é um jesuíta! Estamos vingados! Agora sim! Vamos comer jesuíta! Vamos comer jesuíta!

— Bem que eu lhe dizia, patrão – exclamou tristemente Cacambo, – que aquelas duas nos iam pregar uma boa!

Cândido, atentando na caldeira e nos espetos, lamentou-se:

Com toda a certeza vamos ser assados ou fervidos. Ah! o que não diria Mestre Pangloss, se visse como é a pura natureza! Tudo está bem; seja, mas confesso que é muito cruel perder a senhorita Cunegundes e ser assado ao espeto pelos orelhões.

Cacambo, esse, nunca perdia a cabeça.

— Não desespere de nada – disse ele ao desolado Cândido. – Entendo um pouco o jargão dessa gente; vou falar-lhes.

— Não te esqueças – recomendou Cândido – de lhes significar o quanto é desumano cozinhar pessoas, e como esse procedimento é pouco cristão.

— Senhores – disse-lhes Cacambo, – pretendeis comer hoje um jesuíta: muito bem; nada mais justo do que tratar assim aos inimigos. O direito natural

nos autoriza, com efeito, a matar o próximo, e é assim que se faz em toda a terra. Se não usamos do direito de o comer, é que temos com que passar bem de outra maneira; mas vós não tendes os mesmos recursos que nós; e sem dúvida mais vale comer o inimigos que abandonar ao corvos e gralhas o fruto da vitória. Acreditais pôr um jesuíta no espeto, e no entanto é ao vosso defensor, ao inimigo de vossos inimigos que ides assar. Quanto a mim, nasci em vossa terra; e o cavalheiro que vede. é meu patrão e, longe de ser um jesuíta, acaba exatamente de matar um deles e apoderar-se de seus despojos: daí o vosso engano. Para verificar o que vos digo, tomai a sua batina e levai-a à primeira barreira do reino dos Padres; informai-vos se o meu patrão não matou um oficial jesuíta. Isso demandará pouco tempo; e podereis comer-nos depois, se descobirdes que estou mentindo. Mas eu vos disse a verdade, e muito bem conheceis os princípios do direito público, os costumes e as leis, para que não deixeis de nos poupar a vida.

Os orelhões acharam muito razoável tal discurso; deputaram dois notáveis para irem em comissão Informar-se da verdade; os dois emissários desempenharam-se a contento e voltaram logo com a boa notícia. Os orelhões soltaram os dois prisioneiros, fizeram-lhes toda sorte de gentilezas, ofereceram-lhes moças, serviram-lhes refrescos e os conduziram até as fronteiras de seus Estados, gritando alegremente: “Ele não é jesuíta! Ele não é jesuíta!”

Cândido não se cansava de admirar-se do motivo da libertação. “Que povo! – dizia ele. – Que homens! Que costumes! Se eu não tivesse tido a ventura de atravessar a espada o irmão da senhorita Cunegundes, seria comido sem remissão. Afinal de contas, a pura natureza é boa mesmo, pois essa gente, em vez de me devorar, cumulou-me de gentilezas ao saber que eu não era jesuíta!

CAPÍTULO XVII

DA CHEGADA DE CÂNDIDO E CACAMBO À TERRA DO ELDORADO, E DO QUE ALI PRESENCIARAM.

Chegados que foram à fronteira, dos orelhões, disse Cacambo a Cândido:

— Bem vê o patrão que este hemisfério não vale mais que o outro: voltemos à Europa pelo caminho mais curto.

— Como voltar? E para onde ir? Se vou para a minha terra, lá andam os búlgaros e abaros a degolar a torto e a direito; se volto a Portugal, me queimam vivo; se ficamos por aqui, arriscamo-nos a todo momento a ir para o espeto. Mas como me resolver a deixar a parte do mundo em que reside a senhorita Cunegundes?

— Vamos para Caiena – propõe Cacambo. – Lá encontraremos franceses, que andam por toda parte; poderão ajudar-nos. Deus talvez se amerceie de nós.

Não era fácil irem a Caiena; sabiam mais ou menos em que rumo deveriam marchar, mas rios, montanhas, precipícios, bandoleiros, selvagens, constituíam por toda parte terríveis obstáculos.

Os cavalos morreram de fadiga; as provisões findaram; alimentaram-se um mês inteiro de frutos silvestres e foram dar enfim a um rio marginado de coqueiros, que lhes sustentaram a vida e as esperanças. Cacambo, que dava sempre tão bons conselhos como a velha, disse a Cândido:

— Não podemos agüentar mais, já caminhamos demasiado. Vejo uma canoa abandonada à margem. Vamos enchê-la de coco e deixemo-nos vogar na correnteza: um rio leva sempre a algum lugar habitado. Se não

encontrarmos coisas agradáveis, encontraremos pelo menos coisas novas.

Vamos – disse Cândido, – e recomendemo-nos à Providência.

Vogaram algumas léguas entre margens ora luxuriantes, ora desertas, ora planas, ora escarpadas. O rio cada vez se alargava mais, até perder-se debaixo de uma abóbada de rochedos temerosos que se erguiam até as nuvens. O rio, apertado naquele local, arrastou-os com uma rapidez e fragor terríveis. Ao cabo de vinte e quatro horas tornaram a ver a luz do dia; mas a canoa se espatifou contra os recifes; foi preciso arrastarem-se de rochedo em rochedo durante uma légua inteira; afinal descobriram um horizonte imenso, bordado de montanhas inacessíveis.

Toda aquela região era cultivada tanto para o prazer como para a necessidade; por toda parte o útil era agradável. Os caminhos eram transitados, ou antes, ornados de viaturas de forma original e de um material esplêndido, que conduziam homens e mulheres de singular beleza. Puxavam-nas grandes carneiros vermelhos que ultrapassavam, em rapidez, os mais belos cavalos da Andaluzia, de Tetuan e de Mequinez.

— Cá está – um país – disse Cândido – que vale mais do que a Vestfália.

Parou com Cacambo na primeira aldeia que encontraram. Alguns meninos, vestidos de brocados de ouro bastante rasgados, jogavam patela à entrada do burgo; os nossos dois homens do outro mundo se distraíram a olhá-los: as pedras com que jogavam eram redondas, bastante volumosas, amarelas, vermelhas, verdes, e lançavam um brilho singular. Os viajantes sentiram desejos de as apanhar; eram pepitas de ouro e esmeraldas e rubis, a menor das quais seria o maior ornamento do trono do Grão Mogol.

— Sem dúvida – disse Cacambo, – são os filhos do rei que estão jogando patela.

Nesse instante apareceu o mestre-escola, para os fazer regressarem à aulas.

Eis – disse Cândido – o preceptor da família real. Os pequenos maltrapilhos abandonaram imediatamente o jogo, deixando no chão as suas pedras e tudo o que lhes servira para o brinquedo. Cândido apanha-as, corre ao preceptor, e lhas apresenta humildemente, dando-lhe a entender, por sinais, que suas Altezas haviam esquecido o seu ouro e pedrarias. O mestre-escola, sorrindo, jogou fora tudo aquilo, olhou muito surpreendido para o rosto de Cândido, e continuou seu caminho.

Os viajantes não deixaram de apanhar o ouro, os rubis e as esmeraldas.

— Onde estamos? – exclamou Cândido. – Os príncipes deste país devem ser muito bem educados, pois lhes ensinam a desprezar o ouro e as pedrarias.

Cacambo estava tão surpreso como Cândido. Aproximaram-se enfim da primeira casa da aldeia; era construída como um palácio da Europa. Grande multidão se acotovelava à porta, e mais ainda no interior da casa, ouvia-se agradável música e vinha lá de dentro um delicioso cheiro de cozinha. Cacambo aproximou-se da porta e percebeu que falavam peruviano; era a sua língua materna: pois todo o mundo sabe que Cacambo nascera em Tucuman, em uma aldeia onde só conheciam essa língua.

— Isto aqui é uma estalagem – disse ele a Cândido, – entremos, que eu lhe servirei de intérprete.

Em seguida, dois rapazes e duas raparigas da casa, com roupas de tecido de ouro e os cabelos atados com fitas, os convidam a sentar-se à mesa comum. Serviram quatro qualidades de sopa, acompanhadas cada uma de dois papagaios, um condor ensopado que pesava duzentas libras, dois macacos grelhados de excelente gosto, uma travessa com trezentos colibris,

massas deliciosas; e tudo em pratos de uma espécie de cristal de rocha, os criados e criadas da estalagem serviam várias bebidas feitas da cana de açúcar.

Os convivas eram na maior parte comerciantes e cocheiros, todos de extrema polidez; fizeram algumas perguntas a Cacambo com a discrição mais circunspecta, e responderam às suas de maneira satisfatória.

Terminada a refeição, Cacambo achou, assim como Cândido, que pagaria muito bem a sua parte deixando sobre a mesa duas grandes pepitas de ouro que apanhara, o que provocou no estalajadeiro e sua mulher uma explosão de riso, que não acabava mais. Afinal se dominaram: – Senhores – disse o patrão, – bem vemos que são estrangeiros; não estamos acostumados a vê-los todos os dias. Perdoem se começamos a rir quando nos deram em pagamento as pedras da rua. Com certeza não possuem os senhores moeda nacional, mas não é preciso dinheiro para almoçar aqui. Todas as estalagens estabelecidas para comodidade do comércio são pagas pelo governo. Os senhores não passaram muito bem aqui porque esta é uma aldeia muito pobre, mas noutras localidades hão de ser recebidos como merecem. Cacambo explica a Cândido as palavras do estalajadeiro, e Cândido as escutava com a mesma admiração e espanto com que seu amigo Cacambo lhas transmitia.

— Que país é este – pensavam eles, – desconhecido do resto do mundo, e onde toda a natureza é de uma espécie tão diferente da nossa? Provavelmente é o país onde tudo está bem – considerava Cândido, – pois é preciso absolutamente que haja um dessa espécie. E, apesar do que dizia mestre Pangloss, muitas vezes desconfiei que tudo estava mal em Vestfália.

CAPÍTULO XVIII

DAS COISAS QUE PRESENCIARAM NA TERRA DO ELDORADO.

Cacambo manifestou ao hospedeiro toda a sua curiosidade; e este lhe disse: – Sou muito ignorante, e aliás me dou bem assim; mas temos aqui um velho retirado da Corte, que é o homem mais sábio do reino, e muito comunicativo. Em seguida conduz Cacambo à residência do velho. Cândido não desempenhava mais que o papel de segunda personagem, e acompanhava a seu criado. Entraram numa casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as salas modestamente revestidas de ouro, mas tudo trabalhado com tanto gosto que nada ficavam a dever aos mais ricos lambris. A antecâmara, na verdade, era incrustada somente de esmeraldas e rubis; mas a harmonia do conjunto compensava de sobra essa extrema simplicidade.

O velho recebeu os dois estrangeiros num sofá forrado de penas de colibri, e lhes mandou servir licores em taças de diamante. Depois disso, satisfez-lhes a curiosidade nos seguintes termos:

— Tenho cento e setenta e dois anos e ouvi de meu falecido pai, escudeiro do Rei, as espantosas revoluções do Peru, de que ele foi testemunha. O reino onde estamos é a antiga pátria dos incas, que daqui saíram imprudentemente para ir subjugar uma parte do mundo, e que foram afinal reduzidos ao aniquilamento pelos espanhóis. Mais sábios se mostraram os príncipes que permaneceram em seu país natal; ordenaram, com o consentimento da nação, que nenhum habitante jamais saísse do nosso pequeno reino; e foi isso que nos conservou a nossa inocência e felicidade. Os espanhóis tiveram um confuso conhecimento deste país, a que chamaram Eldorado, e um inglês, o cavaleiro Raleigh, chegou até a aproximar-se daqui há cerca de cem anos; mas, como estamos cercados de rochedos inacessíveis e de precipícios,

conservamo-nos até agora ao abrigo da rapacidade dos europeus, que têm uma inconcebível loucura pelas pedras e a lama da nossa terra, e que, para as conseguir, são capazes de nos matar a todos, até o último.

A conversação foi longa; versou sobre a forma de governo, os costumes, as mulheres, os espetáculos públicos, as artes. Afinal Cândido, que sempre tivera gosto pela metafísica, indagou, por intermédio de Cacambo, se no país não havia uma religião.

O velho enrubesceu um pouco.

— Como pode o senhor duvidar de tal coisa? – perguntou ele. – Será que nos toma por ingratos?

Cacambo perguntou humildemente qual era a religião do Eldorado.

O velho corou de novo.

— Acaso pode haver duas religiões? – disse ele. – Temos, creio eu, a religião de todo o mundo: adoramos a Deus dia e noite.

— Não adoram senão a um único Deus? – interrogou Cacambo, sempre servindo de intérprete às dúvidas de Cândido.

— Quer-me parecer – tornou o velho, formalizado, – que não há nem dois, nem três, nem quatro deuses. Francamente, fazem cada pergunta!

Cândido não se cansava de interrogar o bom do velho; quis saber como rezavam a Deus no Eldorado.

Não lhe rezamos – disse o bom e respeitável sábio. – Nada temos que lhe pedir; ele nos deu tudo o que precisamos; nós lhe agradecemos sem cessar.

Cândido teve curiosidade de ver os sacerdotes; e perguntou onde estavam.

O bom do velho sorriu.

— Meus amigos – disse ele, – nos todos somos sacerdotes; cada manhã, o rei e todos os chefes de família entoam, solenemente, cânticos de ações de graça; e cinco ou seis mil músicos os acompanham.

— Como, os senhores não têm padres que ensinam, que disputam, que governam, que cabalam, e que mandam queimar as pessoas que não são da sua opinião?

— Só se fôssemos loucos- disse o velho. – Aqui somos todos da mesma opinião, e não entendemos o que quer o senhor dizer com os seus padres.

Cândido, a cada uma dessas palavras, cala em êxtase e dizia consigo: “Como tudo isto é diferente da Vestfália e do castelo do senhor barão! Se o nosso amigo Pangloss visse o Eldorado, não diria mais que o castelo de Thunder-ten-tronckh era o que havia de melhor sobre a face da terra; não há dúvida de que é preciso viajar”.

Depois dessa longa conversação, o velho mandou atrelar uma carruagem de seis carneiros e cedeu, aos dois viajantes, doze de seus criados, para os conduzirem à Corte.

— Desculpem-me – lhes disse ele, – se a minha idade me priva da honra de os acompanhar, o Rei os receberá de maneira que não fiquem descontentes; e sem dúvida hão de perdoar aos costumes do país, se houver alguns que lhes desagradem.

Cândido e Cacambo sobem na carruagem; os seis carneiros voavam, e em menos de duas horas chegaram os visitantes ao palácio do rei, situado num extremo da capital. O pórtico media duzentos e vinte pés de altura por cem de largura; impossível dizer de que material era construído. Mas bem se imagina que superioridade prodigiosa não deveria ter sobre esses calhaus a que chamamos ouro e pedrarias.

Vinte belas moças da guarda real receberam Cândido e Cacambo à entrada, conduziram-nos aos banhos, vestiram-nos com uma roupa de um

tecido de penugem de colibri, Depois disso, os altos dignitários e as altas dignitárias da Coroa os levaram ao apartamento de Sua Majestade, em meio de duas filas de mil músicos cada uma, segundo o costume ordinário. Quando se aproximavam da sala do trono, perguntou Cacambo a um alto dignitário como se deveria fazer para saudar a Sua Majestade; se a gente se lançava de joelhos ou de bruços; se devia pôr as mãos na cabeça ou às costas; se era preciso lambar a poeira da sala; numa palavra, qual era o cerimonial. “O uso – disse o alto dignitário – é abraçar o rei e beijá-lo nas duas faces”, Cândido e Cacambo saltaram ao pescoço de Sua Majestade, que os recebeu com toda a graça imaginável e os convidou polidamente para cear.

Enquanto esperavam, mostraram-lhes a cidade, os edifícios públicos que iam até as nuvens, os mercados de mil colunas, as fontes de água pura, as fontes de água de rosas, as de licor de cana de açúcar que corriam continuamente nas grandes praças, pavimentadas de uma espécie de pedraria que exalava um cheiro semelhante ao do cravo e da canela. Cândido pediu para ver o palácio da justiça; disseram-lhe que era coisa que não havia e que não pleiteavam nunca. Informou-se se havia prisões, e disseram-lhe que não, o que mais o surpreendeu, e maior prazer lhe causou, foi o palácio das ciências, no qual viu uma galeria de dois mil passos, cheia de instrumentos de matemática e física.

Depois de haverem percorrido, toda a tarde, mais ou menos a milésima parte da cidade, reconduziram-nos a palácio. Cândido sentou-se à mesa entre Sua Majestade, seu criado, Cacambo e várias damas. Jamais houve melhor passado, e nunca se demonstrou tanto espírito à mesa como Sua Majestade. Cacambo explicava as frases do rei a Cândido, as quais, embora traduzidas, pareciam sempre boas frases. De tudo quanto espantava Cândido, não foi isso o que menos o espantou.

Passaram um mês de hóspedes. Cândido não cessava de confessar a Cacambo:

— Mais uma vez te digo que o castelo onde nasci não vale, na verdade, o país em que nos achamos; mas, afinal de contas, aqui não está a senhorita Cunegundes, e tu, sem dúvida, amas alguém na Europa. Se ficarmos aqui, não seremos mais que os outros; ao passo que, se voltarmos para o nosso mundo apenas com doze carneiros carregados com o cascalho do Eldorado, seremos mais ricos que todos os reis em conjunto, não mais teremos que temer a inquisidores e poderemos facilmente recuperar a senhorita Cunegundes.

Tais palavras agradaram a Cacambo. O fato é que a gente gosta tanto de fazer-se valer entre os seus, de pararear o que viu pelo mundo, que os dois felizardos resolveram não mais o ser, e pediram a Sua Majestade licença para deixar o país.

— Cometeis uma tolice – lhes disse o rei. – Bem sei que o meu país pouco vale; mas, quando se está passavelmente nalguma parte, o mais acertado é não mudar de ares. Não me assiste o direito de reter a estrangeiros; seria uma tirania que não está nem nos nossos costumes nem nas nossas leis: todos os homens são livres; podeis partir quando bem quiserdes; a saída, porém, é muito difícil. É impossível remontar a rápida torrente sobre a qual chegastes por milagre e que corre sob as abóbadas dos rochedos. As montanhas, que circundam todo o meu reino, têm dez mil pés de altura e são verticais como muralhas; ocupam cada uma, em largura, um espaço de mais de dez léguas; e, depois de galgadas, só é possível desce-las por perigosos precipícios. No entanto, se quereis absolutamente partir, vou ordenar aos intendentés das máquinas que construam uma que vos possa transportar comodamente.

Depois de vos conduzirem ao alto das montanhas, ninguém vos poderá acompanhar; pois os meus súditos fizeram o juramento de nunca sair desse recinto, e são bastante sensatos para que possam faltar à palavra. Podeis, em todo caso, pedir-me tudo o que quiserdes.

— Apenas pedimos a Vossa Majestade – disse Cacambo – alguns carneiros carregados de víveres e dessas pedras e da lama do Eldorado.

O rei pôs-se a rir.

— Não posso conceber – disse ele – que gosto têm os europeus pela nossa lama amarela, mas levai quanta quiserdes e bom proveito vos faça.

Ordenou imediatamente que seus engenheiros construíssem uma poderosa máquina para guindar além do reino aqueles dois homens extraordinários. Três mil bons físicos puseram mãos à obra; ficou pronta ao cabo de quinze dias, e não custou mais de vinte milhões de libras esterlinas, na moeda do país. Puseram Cândido e Cacambo sobre a máquina; havia dois grandes carneiros vermelhos para lhes servirem de montaria quando houvessem franqueado as montanhas, – vinte –, outros carregados de viveres, trinta com presentes do que o país possuía de mais curioso, e cinqüenta carregados de ouro, de pedrarias e diamantes, o rei beijou afavelmente os dois vagabundos.

Foi um belo espetáculo a sua partida, e a engenhosa maneira como foram içados, eles e os carneiros, ao alto das montanhas. Os físicos se despediram depois de os ter deixado em segurança. E Cândido não teve mais outro desejo e objeto que ir apresentar seus carneiros à senhorita Cunegundes.

— Temos – disse ele – com que pagar ao governador de Buenos Aires, se a senhorita Cunegundes pudesse ser posta a prêmio. Marchemos para Caiena, embarquemos, e veremos depois que reino se poderá comprar.

CAPÍTULO XIX

DO QUE LHE SUCEDEU NO SURINAM E DE COMO CÂNDIDO TRAVOU CONHECIMENTO COM MARTINHO.

O primeiro dia dos nossos dois viajantes foi bastante agradável. Animava-os a idéia de se saberem donos de mais tesouros do que poderiam reunir a Ásia, a Europa e a África. Cândido, transportado, ia gravando nas árvores o nome de Cunegundes. No dia seguinte, dois dos carneiros tombaram num pântano, desaparecendo com a carga; dois outros morreram de fadiga alguns dias depois; sete ou oito pereceram em seguida de fome num deserto; outros, ao fim de alguns dias, tombaram em precipícios. Afinal, após cem dias de marcha, só lhes restavam dois carneiros.

— Vê, meu amigo – disse Cândido a Cacambo, – como são perecíveis as riquezas do mundo; só há de sólido a virtude, e a ventura de tornar a ver a senhorita Cunegundes.

– Confesso-o – disse Cacambo, – mas restam-nos ainda dois carneiros com maiores riquezas do que jamais as poderá ter o rei da Espanha, e vejo ao longe uma cidade que suponho ser Surinam, pertencente aos holandeses. Estamos no fim de nossas penas e o começo de nossa felicidade. Quando se aproximavam da cidade, encontraram um negro caído no chão, não tendo mais que metade do vestuário, isto é, umas calças de pano azul; faltava àquele pobre homem a perna esquerda e a mão direita. — Meu Deus! – lhe disse Cândido em holandês. – Que fazes aí, meu amigo, no horrível estado em que te vejo?

— Espero meu patrão, o famoso negociante senhor Vanderdendur.

— E foi o senhor Vanderdendur quem te deixou nesse estado?

— Sim, é o costume – disse o negro. – Por todo vestuário, dão-nos umas calças duas vezes por ano. Quando trabalhamos nas usinas de açúcar e o rebolo nos apanha o dedo, cortam-nos a mão; quando tentamos fugir, cortam-nos a perna: incorri em ambos os casos. É por esse preço que os senhores comem açúcar na Europa. No entanto, quando me vendeu por dois escudos patagônicos na Costa da Guiné, minha mãe me dizia: “Bendiz a nossos fetiches, meu querido filho, adora-os sempre, eles farão com que vivas feliz; tens a honra de ser escravo dos nossos senhores brancos, e com isso fazes a fortuna de teu pai e de tua mãe”. Ai! se fiz a fortuna deles é coisa que eu não sei, mas eles não fizeram a minha. Os cachorros, macacos. e papagaios são mil vezes menos infelizes que nós. Todos os domingos, os fetiches holandeses que me converteram me dizem que nós, brancos e negros, somos todos filhos de Adão Não sou genealogista mas se esses pregadores dizem a verdade, somos todos primos-irmãos. Ora, hão de confessar-me que é impossível tratar os parentes de modo mais horrível.

— Ó Pangloss! – exclamou Cândido. – Não tinhas imaginado esta abominação; não há remédio, acabo renegando o teu otimismo.

— Que é otimismo? – Indagou Cacambo.

— É a mania de sustentar que tudo está bem quando tudo está mal – suspirou, Cândido. E derramava lágrimas ao contemplar o negro, e, assim chorando, entrou em Surinam.

A primeira coisa de que se informam é se não haveria no porto algum navio que se pudesse enviar a Buenos Aires. Aquele a quem se dirigiram era justamente um capitão espanhol, que se ofereceu para fechar com eles um honesto contrato. Marcou-lhes encontro numa taverna. Cândido e o fiel Cacambo foram esperá-lo com seus dois carneiros.

Cândido, que tinha o coração na boca, contou ao espanhol todas as suas aventuras, e confessou-lhe que queria raptar a senhorita Cunegundes.

— Deus me livre de o levar a Buenos Aires – disse o capitão. – Eu seria enforcado, e o senhor também. A bela Cunegundes é a amante favorita do senhor governador. Tais palavras causaram em Cândido o efeito de um raio.

Depois de muito chorar, chamou Cacambo à parte:

— Eis o que deves fazer, meu caro amigo. Temos cada um no bolso uns cinco ou seis milhões em diamantes; tu és mais hábil do que eu; vai buscar a senhorita Cunegundes em Buenos Aires. Se o governador opuser algumas dificuldades, dá-lhe um milhão; se não render-se, dá-lhe dois; não mataste nenhum inquisidor, ninguém desconfiará de ti. Equiparei outro navio; irei esperar-te em Veneza; é um país livre, onde nada se tem a temer nem de búlgaros, nem de abaros, nem de judeus, nem de inquisidores. Cacambo aplaudiu esta sábia resolução. Achava-se desesperado por ter de separar-se de um bom patrão, que se tornara seu amigo íntimo; mas o prazer de lhe ser útil venceu a dor de o deixar. Abraçaram-se em pranto. Cândido recomendou-lhe que não se esquecesse da boa velha. Cacambo partiu no mesmo dia: era um excelente homem, esse Cacambo.

Cândido permaneceu ainda algum tempo em Surinam, esperando que outro comandante quisesse levá-lo à Itália, com os dois carneiros que lhe restavam. Contratou criados e adquiriu o necessário para tão longa viagem. Afinal o senhor Vanderdendur, capitão de um grande navio, veio apresentar-se a ele.

— Quanto quer – perguntou-lhe Cândido – para me levar diretamente a Veneza, com o meu pessoal, a minha bagagem e estes dois carneiros?

O capitão propôs dez mil piastras. Cândido não hesitou.

Oh! Oh! – disse consigo o prudente Vanderdendur, esse estrangeiro

desembolsa dez mil piastras sem pestanejar! Deve ter muito dinheiro!

Voltando logo depois, fez-lhe ver que não poderia partir por menos de vinte mil.

— Por isso não haja dúvida – disse Cândido.

— Sim senhor! – disse baixinho o comandante. – Com que então esse homem dá vinte mil piastras com a mesma facilidade com que desembolsa dez mil!!!

Voltou de novo e disse que não podia conduzi-lo a Veneza por menos de trinta mil piastras.

— Bem, o senhor terá as suas trinta mil piastras – respondeu Cândido.

— Oh! Oh! – pensou ainda, o holandês. – Trinta mil piastras não custam nada a esse homem. Decerto os dois carneiros carregam tesouros imensos. Não insistamos: agora é receber as trinta mil. Depois veremos.

Cândido vendeu dois pequenos diamantes, o menor dos quais valia mais que todo o dinheiro que exigia o capitão. Pagou adiantado. Foram embarcados os dois carneiros. Cândido seguia num pequeno barco para alcançar o navio na enseada; o patrão não perde tempo, põe o navio em marcha; o vento o favorece. Cândido, estupefato e desvairado, perde-o logo de vista. “Ela um golpe digno do velho mundo!” – exclama ele. Volta para a margem, cheio de dor; pois afinal de contas perdera o bastante para fazer a fortuna de vinte monarcas.

Vai ter com o juiz holandês; e, como estava um pouco perturbado, bate violentamente à porta; entra e expõe a sua aventura, gritando um pouco mais alto do que convinha. O juiz começou por obrigá-lo a pagar dez mil piastras pelo barulho que fizera. Depois escutou-o pacientemente e prometeu examinar o seu caso logo que o capitão regressasse, e cobrou mais dez mil piastras pelos gastos da audiência.

Isso acabou de exasperar a Cândido; passara na verdade – por coisas dez mil vezes mais dolorosas, mas o sangue frio do juiz e do comandante que o roubara lhe assanharam a bilis, mergulhando-o em negra melancolia. A maldade dos homens apresentava-se-lhe ao espírito em toda a sua hediondez: Cândido só alimentava idéias tristes. Afinal, estando um navio francês de partida para Bordéus, e como ele não mais tinha carneiros carregados de diamantes para embarcar, alugou a preço razoável um camarote, mandando espalhar pela cidade que pagaria a passagem, a comida, e daria duas mil piastras, ao homem que fizesse a viagem em sua companhia, sob a condição de que esse fosse o homem mais desgostoso da sua condição e o mais infeliz da província.

Apresentou-se uma multidão de pretendentes que uma frota não poderia conter. Cândido escolheu umas vinte pessoas que lhe pareceram bastante sociáveis e que pretendiam merecer a preferência. Convidou-as a cear numa estalagem, com a condição de que cada uma jurasse contar fielmente a sua história, prometendo escolher aquele que lhe parecesse mais digno de lástima e mais razões tivesse de descontentamento, e distribuir aos outros algumas gratificações.

A sessão durou até as quatro da madrugada. Cândido, escutando todas aquelas aventuras, lembrava-se do que lhe dissera a velha na viagem para Buenos Aires, e da aposta que fizera, de que não havia ninguém a bordo a quem não houvessem acontecido as maiores desgraças. “Esse Pangloss – pensava ele – deveria ficar muito embaraçado para demonstrar o seu sistema. Queria que ele estivesse aqui. Certamente, se tudo vai bem, é no Eldorado, e não no resto da terra”. Decidiu-se afinal por um pobre sábio que trabalhara dez

anos para os livreiros de Amsterdã. Julgou que não havia ofício no mundo de que se pudesse ficar mais desgostado.

O referido sábio, que era aliás um excelente homem, foi roubado pela mulher, batido pelo filho e abandonado pela filha, que se fizera raptar por um português. Acabava de ser privado de um modesto emprego de que vivia, e os pregadores de Surinam o perseguiram porque o tomavam por sociniano. Cumpre confessar que os outros eram pelo menos tão infelizes quanto ele; mas Cândido esperava que o sábio o distraísse durante a viagem. Os rivais acharam que Cândido lhes fazia uma grande injustiça, mas este os sossegou, dando cem piastras a cada um.

CAPÍTULO XX

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO E MARTINHO DURANTE A VIAGEM.

O velho sábio, que se chamava Martinho, embarcou pois para Bordéus em companhia de Cândido. Um e outro já tinham muito visto e sofrido; e, mesmo que o navio zarpasse de Surinam para o Japão, pelo cabo da Boa Esperança, teriam eles com que discorrer sobre o mal moral e o mal físico durante toda a viagem.

Cândido, no entanto, levava grande vantagem sobre Martinho: esperava rever a senhorita Cunegundes, e Martinho não esperava coisa alguma; de mais a mais, possuía ouro e diamantes; e, embora houvesse perdido cem grandes carneiros vermelhos carregados dos maiores tesouros da terra, embora continuasse a doer-lhe a velhacaria do capitão holandês, quando pensava no que lhe restava nos bolsos, e quando falava de Cunegundes, sobretudo ao fim do jantar, sentia-se então inclinado para o sistema de Pangloss.

— Mas e o senhor – perguntou ele a Martinho, – que pensa de tudo isso? Qual é a sua idéia sobre o mal moral e o mal físico?

— Senhor – respondeu Martinho, – os sacerdotes me acusaram de sociniano; mas a verdade é que eu sou maniqueu.

— O senhor está troçando – observou Cândido, – pois não existem mais maniqueus no mundo.

— Existo eu – protestou Martinho, – não sei o que fazer, mas não posso pensar de outra maneira.

— O senhor deve estar com o diabo no corpo – disse Cândido.

— Tanto se mete ele nas coisas deste mundo – respondeu Martinho, – que bem poderia estar no meu corpo, como em toda parte aliás. Mas confesso-lhe que, lançando o olhar sobre este globo, ou antes, sobre este glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ser maléfico; excetuo contudo o Eldorado. Nunca vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nem família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos abominam os poderosos perante os quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo de um a outro extremo da Europa, exercem o morticínio e a pilhagem com toda a disciplina, porque não têm ofício mais honrado; e, nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados de mais inveja, de mais cuidados e inquietações do que experimenta de flagelos uma cidade cercada pelo inimigo. Os pesares secretos são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, tanto vi e tanto sofri, que sou maniqueu.

— No entanto, algo existe de bom – replicava Cândido.

— Pode ser – dizia Martinho, – mas não o conheço. Em meio a essa

disputa, ouve-se um ruído de canhão. O fragor redobra de instante a instante. Cada qual empunha a sua luneta. Avistam-se dois navios que combatiam a uma distância de cerca de três milhas; o vento os arrastou para tão próximo do navio francês, que todos tiveram o prazer de assistir comodamente ao combate. Afinal um dos navios mandou ao outro um tiro tão baixo e tão certo, que o pôs a pique. Cândido e Martinho avistaram nitidamente uma centena de homens sobre o convés do navio que afundava; erguiam todos as mãos ao céu e lançavam terríveis clamores; em um momento, tudo desapareceu.

— Bem! Eis como se tratam os homens uns aos outros – disse Martinho.

— É bem verdade – assentiu Cândido – que há nisso alguma coisa de diabólico.

Enquanto assim falava, percebeu um vulto de um vermelho vivo, que nadava perto do navio. Baixaram uma chalupa para ver o que seria: era um de seus carneiros. Maior foi a alegria de Cândido ao encontrar aquele carneiro do que a sua aflição ao perder cem deles com os diamantes do Eldorado.

O capitão francês viu logo que o capitão do navio vencedor era espanhol, e o do navio afundado um pirata holandês, exatamente o mesmo que roubara a Cândido. As riquezas imensas de que se apoderara o celerado foram sepultadas com ele no fundo do mar, e, do que vinha a bordo, só se salvou um carneiro.

— Bem vê – disse Cândido a Martinho – que o crime é às vezes punido; esse patife do capitão holandês teve a sorte que merecia.

— Sim – disse Martinho, – mas era preciso que os passageiros que estavam a bordo também perecessem? Deus puniu esse patife, o diabo afogou os outros.

Entrementes, o navio francês e o espanhol continuaram viagem, e Cândido continuou suas conversações com Martinho. Discutiram quinze dias seguidos, e, ao fim de quinze dias, estavam tão adiantados como no primeiro. Mas afinal falavam, trocavam idéias, consolavam-se Cândido acariciava o seu carneiro. “Já que eu te encontrei – dizia ele, -, bem poderei encontrar Cunegundes”.

CAPÍTULO XXI

DE COMO FILOSOFAM CÂNDIDO E MARTINHO AO AVISTAR A COSTA FRANCESA.

Avistaram enfim o litoral da França.

— Nunca estive na França? – indagou Cândido.

— Sim, percorri várias províncias. Algumas há de que metade dos habitantes são loucos, algumas onde são demasiado espertos, outras onde são geralmente pacíficos e simplórios, outras onde afetam espírito; e, em todas, a principal ocupação é o amor, a segunda a maledicência, e a terceira dizer tolices.

— Mas já estive em Paris, senhor Martinho?

— Sim, já estive; Paris possui todas essas espécies; é um caos, uma aglomeração onde todos buscam o prazer e onde quase ninguém o encontra, pelo que me pareceu. Aliás, demorei-me pouco em Paris; na feira de Saint-Germain roubaram-me tudo o que tinha; eu próprio fui tomado por ladrão e estive preso durante oito dias; depois me fiz revisor para ganhar com que voltar a pé para a Holanda. Conheci a canalha escrevente, a canalha cabalante e a canalha convulsionária. Dizem que há gente muito polida em Paris; quero crer que assim seja.

— Quanto a mim – disse Cândido, – não tenho a mínima curiosidade de

conhecer a França. Bem compreende o senhor que, depois que se passou um mês no Eldorado, a gente só se preocupa de ver a senhorita Cunegundes; vou esperá-la em Veneza; atingirei a Itália através da França. O senhor não me acompanha?

— Com muito gosto – respondeu Martinho. – Dizem que Veneza só é boa para os nobres venezianos, mas que no entanto recebem muito bem aos estrangeiros que têm bastante dinheiro. Não o tenho, o senhor o tem, seguí-lo-ei por toda a parte.

— A propósito – disse Cândido, – acha que a terra foi primitivamente um mar como se afirma nesse cartapácio que pertence ao capitão?

— Não creio absolutamente nisso – respondeu Martinho, – nem tampouco em nenhuma dessas fantasias que nos têm impingido ultimamente.

— Mas para que fim foi então formado este mundo? – indagou Cândido.

— Para nos enraivecer – respondeu Martinho.

— Não se admira o senhor do caso que lhe contei, daquelas raparigas do país dos orelhões, que amavam a uns macacos?

— Absolutamente. Nada vejo de estranho em tal paixão. Vi tantas coisas extraordinárias, que para mim não há mais nada de extraordinário.

— Acredita – perguntou Cândido – que os homens se hajam sempre massacrado, como o fazem hoje? – Que sempre tenham sido mentirosos, trapaceiros, pérfidos, ingratos, ladrões, fracos, inconstantes, covardes, invejosos, glutões, bêbedos, avaros, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, debochados, fanáticos, hipócritas e tolos?

— E o senhor acredita – indagou por sua vez Martinho – que os gaviões tenham sempre devorado os pombos quando se lhes apresentava ocasião?

— Sim, certamente.

— E então – tornou Martinho, – se os gaviões sempre tiveram o mesmo caráter, como quer que os homens hajam mudado o seu?

— Oh! há alguma diferença – objetou Cândido – pois o livre arbítrio...

Enquanto assim filosofavam, chegaram a Bordéus.

CAPÍTULO XXII

DO QUE ACONTECEU NA FRANÇA A CÂNDIDO E MARTINHO.

Cândido só se demorou em Bordéus o necessário para vender algum cascalho do Eldorado e adquirir uma boa liteira de dois lugares, pois não mais podia passar sem o seu filósofo Martinho. Sentiu apenas separar-se de seu carneiro, que doou à Academia de Ciências de Bordéus, a qual propôs para tese do concurso daquele ano a explicação do estranho pelo do referido animal; e o prêmio foi adjudicado a um sábio do Norte, que demonstrou por A mais B, menos C, dividido por Z, que o carneiro devia ser vermelho e morrer gafento.

Ora, sucedeu que todos os viajantes que Cândido encontrava nas estalagens do caminho lhe diziam: “Nós vamos a Paris”. Pelo que também lhe deu vontade de ir a essa capital: não seria afastar-se muito do caminho de Veneza.

Entrou pelo Faubourg Saint-Marceau e julgou achar-se na pior aldeia da Vestfália.

Mal chegou ao seu albergue, foi Cândido acometido de uma leve indisposição proveniente da fadiga. Como trazia ao dedo um enorme diamante, e como haviam notado na sua bagagem um cofre extraordinariamente pesado, teve em seguida junto a si dois médicos que não mandara chamar, alguns

amigos íntimos que não o deixavam, e duas devotas que lhe preparavam os caldos. “Lembro-me – dizia Martinho de que também adoeci em Paris durante a minha primeira viagem; era muito pobre: de modo que não tive nem amigos, nem devotas, nem médicos, e sarei.”

No entanto, a força de remédios e sangrias, a doença de Cândido se tornou grave. Um padre da freguesia veio com todo o jeito pedir-lhe uma promissória pagável ao portador no outro mundo. Cândido não quis saber de conversas. As devotas lhe garantiram que era uma nova moda. Cândido respondeu que não era homem de modas. Martinho quis atirar o padre pela janela. O clérigo jurou que não enterrariam Cândido. Martinho jurou que enterraria o clérigo se este continuasse a importuná-los. A disputa acalorou-se; Martinho pegou-o pelos ombros e escorraçou-o rudemente; o que causou enorme escândalo, tendo-se lavado um auto.

Cândido sarou e, durante a convalescença, nunca lhe faltou companhia à mesa. Jogavam à grande. Cândido muito se espantava de que nunca lhe viesse um ás; Martinho não se espantava nada.

Entre os que lhe faziam as honras da cidade, havia um padre do Périgord, um desses sujeitinhos expeditos, sempre alerta, sempre serviçais, descarados, adutores, complacentes, que espiam a chegada dos forasteiros, contam-lhes o escândalo do dia e oferecem-lhes prazeres de todos os preços. Este levou primeiro Cândido e Martinho ao teatro. Cândido ficou colocado junto de alguns belos espíritos. O que não o impediu de chorar nas cenas perfeitamente representadas. Um dos críticos que estavam a seu lado lhe disse num entreato:

— O senhor faz muito mal em chorar: essa atriz é péssima; o ator que contracena com ela ainda é pior; a peça é pior que os atores; o autor não sabe uma palavra de árabe, e no entanto a cena se passa na Arábia; e, de resto, é um homem que não acredita nas idéias inatas: amanhã lhe trarei vinte brochuras contra ele.

— Quantas peças de teatro há. em França? – perguntou Cândido ao padre.

— Cinco ou seis mil.

— É muito – disse Cândido. – E quantas peças boas existem entre estas?

— Quinze ou dezesseis – replicou o outro.

— É muito – disse Martinho.

Cândido muito se agradou de uma atriz que fazia o papel de rainha Elizabeth em uma tragédia bastante insulsa que se representa algumas vezes.

— Aprecio muito essa atriz – disse ele a Martinho. – Parece-se com a senhorita Cunegundes. Gostaria de ir cumprimentá-la.

O padre ofereceu-se para fazer as apresentações. Cândido, educado na Alemanha, perguntou qual era a etiqueta e como se tratavam na França as rainhas da Inglaterra.

— Cumpre distinguir – disse o padre. – Na província, levam-nas à estalagem; em Paris, respeitam-nas quando são belas, e lançam-nas ao lixo depois de mortas.

— Rainhas no lixo! – exclamou Cândido.

— É verdade – confirmou Martinho. – o senhor padre tem razão: estava eu em Paris quando Mademoiselle Monime passou, como se diz, desta para melhor; recusaram-lhe o que chamam, aqui, as honras da sepultura, isto é, de apodrecer com todos os mendigos do bairro em um mau cemitério, foi enterrada, inteiramente só, ao fim da. rua de Borgonha; o que lhe deve causar uma pena extrema, pois pensava muito nobremente.

— Isto não é nada polido – observou Cândido.

— Que mais quer? – retrucou Martinho. – Esta gente é assim. Imagine

todas as contradições, todas as incompatibilidades possíveis, que as há de encontrar no governo, nos tribunais, nas igrejas, nos teatros desta divertida nação.

— E verdade que riem sempre em Paris? – indagou Cândido.

— Sim – disse o padre, – mas riem de raiva; pois aqui se queixam de tudo às gargalhadas; até praticam, a rir, as mais detestáveis ações.

— E quem é – perguntou Cândido – esse animal que arrasava de tal maneira a peça que tanto me fez chorar e os atores que me causaram tanto prazer?

— É um pobre diabo – respondeu o padre – que ganha a vida falando mal de todas as peças e de todos os livros; odeia a todos os que triunfam, como os eunucos odeiam os que estão no gozo de seus atributos: é uma dessas serpentes da literatura que se alimentam de lama e veneno: é um foliculário.

— A que chama o senhor de foliculário?

— É – respondeu o padre – um escrevinhador de panfletos, um Fréror.

Era assim que Cândido, Martinho e o padre conversavam na escadaria do teatro, vendo desfilar o público.

— Embora esteja ansioso por tornar a ver a senhorita Cunegundes – disse Cândido, – gostaria de cear com a senhorita Clairon, pois ela me pareceu admirável.

O padre não era homem que se aproximasse de Mademoiselle Clairon, que tinha somente boas relações.

— Ela está comprometida para esta noite – disse ele, – mas terei a honra de levá-lo ao salão de uma dama de qualidade, onde o senhor ficará conhecendo Paris como se aqui passasse quatro anos.

Cândido, que era naturalmente curioso, deixou-se conduzir à casa da dama, no Faubourg Saint-Honoré. Ali se achavam entretidos num voltarete doze míseros parceiros, cada qual segurando um pequeno leque de cartas, desparelho registo dos seus infortúnios. Reinava profundo silêncio; estampava-se a palidez na face dos jogadores, e a inquietação na do banqueiro. A dona da casa, sentada junto ao implacável banqueiro, observava com olhos de lince todas as manobras com que os jogadores marcavam as cartas. Obrigava-os a desmarcarem, com a sua fiscalização severa mas polida, e sem nunca zangar-se, por medo de perder os clientes. A dama fazia-se tratar por marquesa de Parolignac. Sua filha, de quinze anos, também jogava, e denunciava, com um piscar de olhos, as trapaças daquela pobre gente, que procurava assim compensar as crueldades da sorte.

O padre, Cândido e Martinho entraram no salão; ninguém se ergueu, não os cumprimentou nem os olhou, tão absortos estavam no jogo.

— A senhora baronesa de Thunder-ten-tronckh era mais polida – observou Cândido.

O padre achegou-se ao ouvido da marquesa, que se ergueu a meio, honrando a Cândido com um gracioso sorriso e a Martinho com um nobre aceno de cabeça. Mandou dar uma cadeira e um baralho a Cândido, que perdeu cinqüenta mil francos em duas paradas; depois do que, cearam alegremente, e todos se admiravam de que Cândido não se houvesse impressionado com as suas perdas; os lacaios murmuravam entre si, na sua linguagem de lacaios; “Deve ser algum milorde inglês”.

A ceia foi como a maioria das ceias de Paris: primeiro, silêncio, depois uma indistinta vozeria, em seguida gracejos quase sempre insípidos, boatos, argumentos pobres, um pouco de política e muito de maledicência; falou-se até de livros novos.

— Já leram – perguntou o padre do Perigord. – o romance do senhor Gauchat, doutor em teologia?

— Sim – respondeu um dos convivas, – mas não pude terminá-lo. Temos uma profusão de escritos impertinentes, mas todos eles, em conjunto, não se aproximam sequer da impertinência de Gauchat, doutor em teologia; ando tão farto dessa imensidade de detestáveis livros que nos inundam que me pus a jogar voltarete.

— E que me diz das *Mélanges* do arqui-diácono T...? – interrogou o padre.

— Ah! – exclamou Madame de Parolignac, – que indivíduo mais aborrecido! Com que compenetração nos diz ele o que todo o mundo sabe! Como discute pesadamente o que apenas merece ser notado! Com que falta de espírito se apropria do espírito alheio! Como estraga o que pilha! Como me aborrece! Mas isso não mais acontecerá basta-me ter lido algumas páginas do arqui-diácono.

Havia ali um homem sábio e de bom gosto, que apoiou o que dizia a marquesa. Falou-se em seguida de tragédias. Perguntou a dama por que havia tragédias que se representavam algumas vezes, mas que não se podiam ler. O homem explicou muito bem como uma peça podia ter algum interesse e não possuir quase nenhum mérito. Provou em poucas palavras que não bastava conduzir uma ou duas dessas situações que se encontram em todos os romances e que sempre seduzem os espectadores, mas que cumpre ser novo sem ser estranho, muita vez sublime, e sempre natural; conhecer o coração humano e fazê-lo falar; ser grande poeta sem que nenhum dos personagens pareça poeta; conhecer perfeitamente a língua, falá-la com pureza, com uma harmonia contínua, sem que jamais a rima custe nada ao sentido. Quem quer que não observe todas essas regras, pode fazer uma ou duas tragédias aplaudidas no teatro, mas nunca será contado entre os bons escritores; tragédias boas, existem pouquíssimas; umas são idílios em diálogos, bem escritos e bem rimados; outras, arrazoados políticos que fazem dormir, ou amplificações que entediam; outras, sonhos de energúmenos, em estilo bárbaro, frases interrompidas, longas apóstrofes aos deuses, porque não sabem falar aos homens, máximas falsas, lugares-comuns empolados. Cândido ouviu atentamente tais palavras e formou a melhor idéia de quem as proferia; e, como estivesse ao lado da marquesa, tomou a liberdade de perguntar em voz baixa quem era aquele homem que falava tão bem.

— É um sábio – disse a dama, – que não joga e que o padre me traz algumas vezes para ceiar; entende perfeitamente de tragédias e livros, e escreveu uma tragédia vaiada e um livro, cujo único exemplar que já se viu fora das prateleiras do seu editor foi um que ele me dedicou.

Que grande homem! – disse Cândido. – um outro Pangloss.

E voltando-se para ele perguntou-lhe:

— Decerto acha o senhor que tudo está o melhor possível no mundo físico e moral, e que nada podia ser de outra maneira?

— Eu, senhor, – retrucou o sábio, – não penso nada disso: acho que tudo anda às avessas; que ninguém sabe qual é a sua posição, nem o seu cargo, nem o que faz, nem o que deve fazer e que, excetuada esta ceia, que é bastante divertida e onde transparece suficiente harmonia, todo o resto do tempo se passa em impertinentes querelas: jansenistas contra molinistas, parlamentares contra eclesiásticos, homens de letras contra homens de letras, cortesãos contra cortesãos, financistas contra o povo, mulheres contra maridos, parentes contra parentes; é uma guerra eterna.

— Pior já vi eu – replicou Cândido. – Mas um sábio, que depois teve a desgraça de ser enforcado, ensinou-me que tudo vai às mil maravilhas; são

tudo sombras num belo quadro.

— O seu enforcado zombava do mundo – disse Martinho.

— As tais sombras são manchas horríveis.

— São os homens que fazem as manchas – disse Cândido – e não podem deixar de o fazer.

— Então a culpa não é deles – observou Martinho.

A maioria dos parceiros, que nada entendiam dessa linguagem, bebiam comodamente. Martinho discutiu com o sábio e Cândido contou uma parte das suas aventuras à dona da casa.

Após a ceia, a marquesa levou Cândido para o seu gabinete e fê-lo sentar num canapé.

— E então, ainda continua a amar perdidamente a senhorita Cunegundes de Thunder-ten-tronckh?

— Sim, Madame – respondeu Cândido. A marquesa replicou-lhe com um terno sorriso:

— O senhor me responde como um jovem de Vestfália; um francês teria dito: “É verdade que amei a senhorita Cunegundes; mas, depois que vi a senhora marquesa, receio não mais amá-la”.

— Ah, Madame! – disse Cândido. – Respondere¹ como a senhora quiser.

— A sua paixão por ela – tornou a marquesa – começou quando lhe apanhou o lenço. Pois bem: quero que apanhe a minha liga.

— De todo o coração – disse Cândido, e apanhou-a.

— Mas eu quero que a coloque no seu lugar – disse a dama. E Cândido colocou-a no devido lugar.

— O senhor é estrangeiro – disse a marquesa. – Pois saiba que eu às vezes faço penarem os meus pretendentes de Paris durante quinze dias, mas logo à primeira noite me rendo ao senhor, porque afinal é preciso fazer as honras do país a um jovem da Vestfália.

E a bela, tendo percebido dois enormes diamantes nos dedos do seu jovem estrangeiro, pôs-se a elogiá-los com uma boa fé tão natural que insensivelmente eles passaram dos dedos de Cândido para os dedos da marquesa.

Cândido, ao voltar com o seu padre, sentiu remorsos de haver cometido uma infidelidade para com a senhorita Cunegundes; o padre compartilhou das suas penas; só lhe cabia uma pequena parte das cinqüenta mil libras perdidas ao jogo por Cândido e do valor dos brilhantes meio dados, meio extorquidos, o seu intuito era aproveitar-se, o mais possível, das vantagens que lhe poderiam trazer as suas relações com Cândido. Falou-lhe muito de Cunegundes; e Cândido lhe disse que pediria perdão a ela da sua infidelidade, quando a encontrasse em Veneza.

O padre redobrava de polidez e atenções, e tomava um carinhoso interesse por tudo o que Cândido dizia, por tudo o que ele fazia, por tudo o que queria fazer.

— Com que então têm os dois um encontro em Veneza?

— Sim, senhor padre: é preciso absolutamente que eu me vá encontrar com a senhorita Cunegundes.

Então, dominado pelo prazer de falar do que amava, contou, segundo o seu costume, uma parte das aventuras que tivera com essa ilustre vestfaliana.

Suponho – disse o padre – que a senhorita Cunegundes tem muito espírito e deve escrever cartas encantadoras...

— Nunca recebi nenhuma carta da sua parte – confessou Cândido. – Pois imagine que, tendo sido expulso do castelo por causa dela, não me foi possível

escrever-lhe; depois soube que ela morrera, em seguida a encontrei, e perdi-a de novo, e ultimamente lhe enviei um próprio a duas mil e quinhentas léguas daqui, e estou esperando alguma resposta.

O padre ouvia atentamente, e parecia um pouco pensativo. Logo se despediu dos dois estrangeiros, depois de os abraçar com todo o carinho.

No dia seguinte, ao despertar, Cândido recebeu uma carta concebida nos seguintes termos:

Meu querido, já faz oito dias que estou enferma nesta cidade, e acabo de saber que aqui também te achas. Voaria logo para os teus braços, se pudesse mover-me. Soube da tua passagem em Bordéus; ah deixei o fiel Cacambo e a velha, que devem em seguida vir a meu encontro. O governador de Buenos Aires tudo me tomou, mas ainda me resta o teu coração. Vem, a tua presença me devolverá a vida, ou me fará morrer de alegria.

Essa encantadora e inesperada carta transportou Cândido ao mais inexprimível júbilo, ao passo que a doença da sua querida Cunegundes o acabrunhava de dor. Dividido entre esses dois sentimentos, toma o seu ouro e os seus diamantes e faz-se conduzir com Martinho ao hotel onde se achava a senhorita Cunegundes. Entra, trêmulo de emoção, com o coração palpitante, a voz embargada; procura abrir as cortinas do leito, pede que tragam luzes.

— Cuidado – lhe diz a criada, – que a luz a mata. E fecha de súbito as cortinas.

— Como estás, minha querida Cunegundes? – diz Cândido a soluçar. – Se não me podes ver, ao menos fala comigo.

— Ela não pode falar – diz a criada. A dama estende então para fora do leito uma mãozinha rechonchuda que Cândido umedece longamente com as suas lágrimas, e que enche depois de diamantes, deixando ainda uma bolsa cheia de ouro sobre a cadeira.

Em meio desses transportes, chega um esbirro acompanhado do padre do Périgord e de uma escolta.

— Com que então são estes os dois estrangeiros suspeitos? – diz aquela autoridade. Imediatamente lhes dá ordem de prisão e manda a escolta conduzi-los.

— No Eldorado não se tratava assim aos viajantes – disse Cândido.

— Eu me sinto mais maniqueu do que nunca – tornou Martinho.

— Mas para onde nos leva, senhor? – perguntou Cândido ao esbirro.

— Para um calabouço – respondeu a autoridade.

Tendo recuperado o seu sangue frio, Martinho declarou que a dama que se dizia Cunegundes era uma tratante, que o senhor padre do Périgord era um tratante que abusara da inocência de Cândido, e o esbirro um outro tratante de que seria fácil desembaraçar-se.

Esclarecido pelo seu conselho, e pouco desejoso de se expor aos trâmites da justiça, e, por outro lado, sempre impaciente por encontrar a verdadeira Cunegundes, Cândido oferece ao esbirro três pequenos diamantes de cores de três mil pistolas cada um.

— Ah, meu senhor! – lhe diz o homem do bastão de marfim, – ainda que o senhor tenha cometido todos os crimes imagináveis, é o mais honrado homem do mundo. Três diamantes! Cada um de três mil pistolas! Eu me deixaria matar pelo senhor, em vez de o levar para um calabouço. Estão prendendo todos os estrangeiros, mas deixe a coisa comigo. Tenho um irmão em Dieppe, na Normandia; vou levá-lo até lá; e se tiver algum diamante para lhe dar, ele zelará pelo senhor como eu próprio.

— E por que prendem todos os estrangeiros? – perguntou Cândido. O padre

do Périgord tomou então a palavra e disse:

— É porque um vagabundo de Atrebácia deu ouvido a tolices, o que bastou para levá-lo a um parricídio, não como o de maio de 1610, mas como o de dezembro de 1594, e como vários outros cometidos em outros anos e outros meses, por outros vagabundos que também ouviram tolices.

O beleguim explicou então do que se tratava.

Que monstros! – exclamou Cândido. – Há então tais horrores entre um povo que dança e que canta?! Não poderei sair o mais depressa possível deste país, onde os macacos provocam os tigres? Vi ursos no meu país; mas homens, só os vi no Eldorado. Em nome de Deus, senhor esbirro, leve-me a Veneza, onde devo esperar a senhorita Cunegundes.

— Só o posso levar à Baixa-Normandia – diz o beleguim. Em seguida manda retirar-lhe os ferros, diz que se enganara, despacha a escolta, e conduz Cândido e Martinho a Dieppe, onde os entrega ao irmão. Estava surto no porto um pequeno navio holandês. O normando que, por obra e graça de três outros diamantes, se tornara o mais serviçal dos homens, embarca a Cândido e seu pessoal no navio que ia zarpar para Portsmouth, na Inglaterra. Não era a rota de Veneza; mas Cândido julgava ter-se livrado do inferno, e contava partir para o seu verdadeiro destino na primeira ocasião que se apresentasse.

CAPÍTULO XXIII

DO QUE VIRAM CÂNDIDO E MARTINHO NA COSTA DA INGLATERRA.

— Ai, Pangloss, Pangloss! Ai, Martinho, Martinho! Ai, minha querida Cunegundes! Que mundo é este? – exclamava Cândido a bordo do navio holandês.

— Alguma coisa de louco e abominável – retrucava Martinho.

— O senhor que conhece a Inglaterra, será que por lá se é tão louco como na França?

— É outra espécie de loucura – asseverou Martinho. – Bem sabe que essas duas nações estão em guerra por algumas braças de neve no Canadá, e que dependem nessa linda guerra muito mais do que vale todo o Canadá. Quanto a dizer precisamente se há mais loucos varridos em um país do que no outro, é coisa que as minhas fracas luzes não me permitem. Sei apenas que as pessoas a quem vamos ver são em geral muito atrabiliárias.

Assim conversando, chegaram a Portsmouth; grande multidão cobria a margem, olhando atentamente para um homem corpulento, que se achava de joelhos, com os olhos vendados, no convés de um dos navios da frota; quatro soldados, alinhados à sua frente, meteram-lhe cada um três balas no crânio, com o ar mais tranqüilo deste mundo; feito o que, todos se retiraram muito satisfeitos.

— Que significa tudo isso? – disse Cândido. – E que demônio exerce por toda parte o seu império?

Perguntou então quem era aquele homem que acabavam de matar com toda a cerimônia.

— É um almirante – responderam-lhe.

— E por que matar esse almirante?

— É – disseram-lhe – porque não matou bastante gente; travou combate com um almirante francês, e acharam que não se mantivera suficientemente perto deste último.

— Mas – objetou Cândido – o almirante francês estava tão longe do almirante inglês como este daquele.

— Isso é incontestável – replicaram, – mas neste país é bom matar de vez em quando um almirante para estimular os outros.

Cândido ficou tão atordoado e chocado com o que via e ouvia, que nem ao menos quis desembarcar, e fechou contrato com o capitão holandês (ainda que este devesse roubá-lo como o de Surinam para que o conduzisse sem demora a Veneza.

O patrão fez os preparativos em dois dias. Costearam a França; passaram à vista de Lisboa, e Cândido estremeceu. Entraram no estreito e no Mediterrâneo.

— Louvado seja Deus! – disse Cândido, abraçando Martinho; é aqui que tornarei a ver a bela Cunegundes. Tenho tanta confiança em Cacambo como em mim mesmo. Tudo está bem, tudo vai bem, tudo está o melhor possível.

CAPÍTULO XXIV

DE PAQUETTE E DO IRMÃO GIROFLÉE

Logo que chegou a Veneza, mandou procurar Cacambo em todas as tavernas, em todos os cafés, em todas as casas de mulheres alegres, e não o encontrou. Diariamente mandava gente sua ao encontro de todos os barcos e de todos os navios que chegavam: nem sinal de Cacambo.

— Como! – dizia ele a Martinho, – tive tempo de ir de Surinam a Bordéus, de Bordéus a Paris, de Paris a Dieppe, de Dieppe a Portsmouth, de costear Portugal e Espanha, de atravessar todo o Mediterrâneo, de passar alguns meses em Veneza, e a bela Cunegundes ainda não chegou! Só encontrei, em vez dela, uma aventureira e um padre do Perigord! Decerto Cunegundes morreu, e agora só me resta morrer também. Ah! por que não fiquei no Paraíso do Eldorado, em vez de voltar para esta maldita Europa? Tens razão, meu caro Martinho: tudo, neste mundo, nada mais é que ilusão e calamidade!

Caiu numa negra melancolia, e não tomou parte na ópera alla moda nem nos outros divertimentos do carnaval; nenhuma dama lhe causou a mínima tentação.

— É muita ingenuidade da sua parte – lhe disse Martinho – imaginar que um criado mestiço, com cinco ou seis milhões no bolso, lhe vá procurar a sua amante no fim do mundo para lhe entregar em Veneza. Qual nada! Ficarà com ela, se a encontrar. Se não a encontrar, arranjará outra; aconselho-o que esqueça o seu criado Cacambo e a sua amante Cunegundes.

Martinho não era nada consolador. A melancolia de Cândido aumentou, e Martinho não cessava de lhe provar que havia pouca virtude e pouca felicidade na face da terra, exceto talvez no Eldorado, onde ninguém podia ir.

Enquanto discutia essa importante matéria e esperava Cunegundes, Cândido avistou um jovem teatino na praça de S. Marco, de braço dado com uma rapariga. O teatino era cheio de viço, rechonchudo e vigoroso; tinha os olhos brilhantes, o ar seguro, o porte altivo. A rapariga era bastante linda e cantava; olhava amorosamente para o seu teatino e de vez em quando lhe beliscava as polpudas bochechas.

— Ao menos me há de confessar – disse Cândido a Martinho – que esses dois são felizes. Até agora, em toda a terra habitável, só encontrei infelizes, exceto no Eldorado; mas, quanto a essa rapariga e a esse teatino, aposto que são criaturas venturosas.

— Aposto que não – disse Martinho.

— É só convidá-los para cear – respondeu Cândido – e verá se não tenho razão.

Em seguida os aborda, cumprimenta-os e convida-os para irem a seu hotel comer talharim, perdizes da Lombardia, ovas de esturjão e beber vinho de Montepulciano, Lacryma-christi, Chipre e Samos. A rapariga enrubesceu, o teatino aceitou o convite, e ela acompanhou, fitando Cândido com um olhar de surpresa e confusão, empanado de algumas lágrimas. Mal entrou no quarto de Cândido, lhe disse:

— Como! Então o senhor Cândido não conhece mais a Paquette?!

A estas palavras, Cândido, que até aquele momento não lhe dera atenção, pois só pensava em Cunegundes, exclamou:

— Ai. minha pobre menina, foi então você quem deixou o doutor Pangloss no belo estado em que o encontrei?

— Ai de mim, fui eu mesma, e vejo que o senhor está a par de tudo. Soube das terríveis desgraças acontecidas a toda a casa da senhora baronesa e à bela Cunegundes. Juro-lhe que o meu destino não foi menos triste. Eu era muito inocente quando o senhor me conheceu. Um franciscano meu confessor seduziu-me facilmente. As conseqüências foram terríveis; fui obrigada a sair do castelo algum tempo depois que o senhor barão o expulsou a pontapés no traseiro. Se um famoso médico não se tivesse apiedado de mim, estava morta. Por gratidão, fui algum tempo sua amante. Sua mulher, que era muito ciumenta, batia-me impiedosamente todos os dias; era uma verdadeira fúria. Esse médico era o homem mais frio do mundo, e eu a mais infeliz de todas as criaturas, por ser batida a toda hora por causa de um homem a quem não amava. Bem sabe o senhor como é perigoso para uma mulher rabugenta ser esposa de um médico. Este; farto das cenas da mulher, deu-lhe um dia, para curá-la de um resfriado, um remédio tão eficaz que ela morreu dali a duas horas em convulsões terríveis. Os parentes da falecida processaram o viúvo; este fugiu e eu fui para a cadeia. Minha inocência de nada me teria servido se eu não fosse um pouco bonita, o juiz absolveu-me sob a condição de que sucederia ao médico. Fui logo suplantada por uma rival, escoraçada sem recompensa, e obrigada a continuar nesse ofício abominável que parece tão divertido aos homens e que para nós não passa de um abismo de misérias. Vim exercer a profissão em Veneza. Ah! se o senhor pudesse imaginar o que é ser obrigada a acariciar indiferentemente um velho negociante, um advogado, um monge, um gondoleiro, um frade; ser exposta a todos os insultos, a todas as afrontas públicas; ser muitas vezes obrigada a pedir de empréstimo uma saia para que venha levantá-la um homem asqueroso; ver-se roubada por um do que se ganhou com outro; ser extorquida por oficiais de justiça, e não ter em perspectiva mais que uma velhice horrível, um hospital e um monturo, – logo haveria de concluir que eu sou uma das criaturas mais infelizes do mundo.

Paquette abria assim o seu coração ao bom Cândido, em um gabinete reservado, na presença de Martinho, que dizia ao primeiro:

— Bem vê que já ganhei metade da aposta.

O irmão Giroflée ficara no refeitório e bebia um gole enquanto esperava a ceia.

— Mas – disse Cândido a Paquette – estavas com um ar tão alegre, tão contente, quando te encontrei, cantavas e acariciavas o teatino com um ar tão natural, que na verdade me parecias tão feliz quanto te julgas desgraçada.

— Ah! senhor! – retrucou Paquette. – Esta é mais uma das misérias do ofício. Fui ontem roubada e batida por um oficial e devo hoje aparentar bom humor para agradar a um monge.

Cândido não quis ouvir mais nada; confessou que Martinho estava com a razão. Sentaram-se à mesa com Paquette e o teatino, a ceia foi bastante

divertida, e afinal a conversa se tornou íntima.

— Meu padre – disse Cândido, – o senhor me parece gozar de um destino que deve causar inveja a todos; as rosas da saúde brilham em suas faces, o seu ar anuncia felicidade; tem uma linda rapariga para divertir-se, e parece muito satisfeito com a sua condição de teatino.

— Palavra, senhor – disse o Irmão Giroflée, – eu desejaria que todos os teatinos estivessem no fundo do mar. Cem vezes fui tentado a atear fogo ao convento, e fazer-me turco. Meus pais me obrigaram, na idade de quinze anos, a tomar este detestado hábito, para deixar maior fortuna a um maldito primogênito que Deus confunda! A inveja, a discórdia, o rancor, habitam no convento. E verdade que preguei alguns maus sermões que me valeram algum dinheiro, de que o prior me rouba metade: o resto me serve para sustentar raparigas. Mas, quando entro à noite no mosteiro, tenho vontade de quebrar a cabeça contra as paredes do dormitório; e todos os meus confrades estão no mesmo caso.

E Martinho, voltando-se para Cândido, com o seu sangue frio ordinário:

— E então, não ganhei a aposta inteira?

Cândido deu duas mil piastras a Paquette e mil piastras ao Irmão Giroflée.

— Garanto-lhe – disse ele a Martinho – que com isto serão felizes.

— Duvido muito – retrucou Martinho. – Com essas piastras, talvez consiga torná-los ainda mais infelizes.

— Será o que puder ser – disse Cândido. – Mas uma coisa me consola: vejo que muitas vezes a gente encontra pessoas que supunha perdidas para sempre. Tendo encontrado o meu carneiro vermelho e Paquette, é bem possível que encontre também Cunegundes.

— Desejo – disse Martinho – que um dia ela o faça feliz; mas duvido muito.

— Como o senhor é duro – queixou-se Cândido.

— É que eu tenho vivido – retrucou Martinho.

— Mas olhe esses gondoleiros – tornou Cândido. – Não vivem continuamente a cantar?

— É que não os vê no seu lar, com suas mulheres e seus pirralhos – disse Martinho. – O doge tem seus cuidados, os gondoleiros têm os seus. Verdade é que, no total, a sorte de um gondoleiro é preferível à de um doge; mas julgo tão medíocre a diferença, que não vale a pena ser examinada.

— Fala-se – disse Cândido – no senador Pococurante, que mora nesse belo palácio junto ao Brenta e que recebe muito bem os estrangeiros. Dizem que é um homem que nunca teve contrariedades.

— Desejaria ver um espécime tão raro – disse Martinho.

Cândido em seguida mandou pedir permissão ao senhor Pococurante, para ir visitá-lo no dia seguinte.

CAPÍTULO XXV

DA VISITA QUE FIZERAM AO SENHOR POCOCURANTE, NOBRE VENEZIANO.

Cândido e Martinho chegaram de gôndola ao palácio do nobre Pococurante. Os jardins eram bem desenhados, e ornado, de belas estátuas de mármore; o palácio de bela arquitetura. O dono da casa, homem dos seus sessenta anos, muito rico, recebeu polidamente os dois curiosos, mas com pouca solicitude, o que desconcertou a Cândido e não desagradou a Martinho. Duas lindas criadinhas, muito asseadas, serviram chocolate bem espumado. Cândido não pode deixar de lhes louvar a beleza e amabilidade.

— São excelentes criaturas – disse o senador Pococurante. – Levo-as às

vezes para o meu leito, pois já estou farto das damas da cidade, das suas mesquinhezas, do seu orgulho, das suas tolices, e dos sonetos que é preciso fazer ou encomendar para elas. Mas, afinal de contas, essas duas raparigas começam a aborrecer-me.

Quando passeava por uma comprida galeria, após o almoço, Cândido ficou extasiado com a beleza dos quadros. Perguntou de que mestre eram os dois primeiros.

— São de Rafael – disse o senador. – Comprei-os bastante caro, há alguns anos, por pura vaidade. Dizem que é o que existe de mais belo na Itália, mas absolutamente não me agradam: a cor é muito escura; as figuras são pouco cheias e não têm o suficiente realce; os panejamentos não se parecem em nada com um tecido. Numa palavra, por mais que digam, não vejo nisso uma verdadeira imitação da natureza. Só gostarei de um quadro quando me parecer estar vendo a própria natureza: e dessa espécie, não os há. Possuo muitos quadros; mas não olho para nenhum.

Pococurante, enquanto não chegava a hora do jantar, encomendou um concerto. Cândido achou a música deliciosa.

— Esse barulho – disse Pococurante – pode divertir durante uma meia hora; mas, se dura mais tempo, fatiga a todo o mundo, embora ninguém se atreva a confessá-lo. A música moderna não é mais do que a arte de executar coisas difíceis, e o que não passa de difícil acaba não agradando. Preferiria a ópera, se não tivessem encontrado o segredo de fazer dela um monstro que me revolta. Veja-as quem quiser, essas péssimas tragédias em música, onde as cenas só são conduzidas para impingir, muito fora de propósito, duas ou três árias ridículas que põem em evidência a garganta de uma atriz; delicie-se quem quiser, ou quem puder, ao ver um castrado cantarolar o papel de César ou de Catão ou pavonear-se desajeitadamente no palco; quanto a mim, faz muito que renunciei a essas pequices, que constituem hoje a glória da Itália, e que os soberanos pagam tão caro.

Cândido discutiu um pouco, mas com discrição. Martinho mostrou-se inteiramente de acordo com o senador.

Sentaram-se à mesa e, após um excelente jantar, foram para a biblioteca. Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo quanto ao seu bom gosto.

— Eis – disse ele – um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha.

— Pois não faz as minhas – disse friamente Pococurante. – Fizeram-me acreditar outrora que eu sentia prazer em lê-lo; mas essa repetição contínua de combates que todos se assemelham, esses deuses que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é o motivo da guerra e que mal entra na peça; essa Tróia que cercam e não tomam, tudo isso me causava um mortal aborrecimento. Perguntei a eruditos se eles se aborreciam tanto quanto eu nessa leitura. Os que eram sinceros confessaram-me que o livro lhes tombava das mãos, mas que sempre era preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antigüidade, e como essas moedas enferrujadas que não podem circular.

— Vossa Excelência pensa o mesmo de Virgílio? – perguntou Cândido.

— Convenho que o segundo, o quarto e o sexto livro da sua Eneida são excelentes; mas quanto ao seu pio Enéias, e o forte Cloanto, e o amigo Achates, e o pequeno Ascânio, e o imbecil rei Latinus, e a burguesa Amata, e a insípida Lavínia, não creio que haja nada de mais frio e desagradável. Prefiro o Tasso e as histórias para dormir em pé, de Ariosto.

— É-me permitido perguntar-lhe, Senhor, se não sente um grande prazer em ler Horácio?

Tem ele máximas de que um homem discreto pode tirar proveito e que, estando condensadas em versos enérgicos, se gravam mais facilmente na memória. Mas pouco se me dá da sua viagem a Brindes, e da sua descrição de um mau jantar, e da discussão de carregadores entre um tal Pupilus, cujas palavras, diz ele, eram cheias de pus, e outro cujas palavras eram vinagre. Foi com repugnância que li seus grosseiros versos contra velhas e feiticeiras; e não sei que mérito possa haver em dizer a seu amigo Mecenas que, se for posto por este no rol dos poetas líricos, tocará os astros com a sua fronte sublime. Os tolos admiram tudo em um autor estimado. Leio apenas para mim; só gosto do que está na minha medida.

Cândido, que fora educado de modo a nada julgar por conta própria, estava muito admirado do que ouvia; e Martinho achava muito razoável o ponto de vista de Pococurante.

— Oh! eis aqui um Cícero – disse Cândido. – Quanto a esse grande homem, penso que Vossa Excelência jamais se cansa de o ler.

— Nunca o leio – respondeu o veneziano. – Que me importa que ele haja pleiteado a favor de Rabirio ou de Cluêncio? Bastam-me os processos que tenho de julgar. Dar-me-ia melhor com as suas obras filosóficas; mas, quando vi que Cícero duvidava de tudo, cheguei à conclusão de que sabia tanto quanto ele, e que não tinha necessidade de ninguém para ser ignorante.

— Ah! – exclamou Martinho. – Eis aqui oitenta volumes dos anais de uma academia de ciências; deve haver nisso tudo alguma coisa de bom.

— Haveria – disse Pococurante – se um só dos autores dessa moxinifada tivesse inventado ao menos a arte de fabricar alfinetes; mas em todos esses volumes não há mais que inúcuos sistemas e nenhuma coisa útil.

— Quantas peças de teatro vejo aqui! – disse Cândido, – em italiano, em espanhol, em francês!

— São três mil ao todo – disse o senador, – mas não há três dúzias que prestem. Quanto a essas coletâneas de sermões, que não valem em conjunto uma página de Sêneca, e todos esses grossos volumes de teologia, bem compreende o senhor que não os abro nunca, nem eu nem ninguém.

Martinho divisou prateleiras cheias de livros ingleses.

— Creio – disse ele. – que um republicano deve comprazer-se na leitura dessas obras escritas com tanta liberdade.

— Sim – respondeu Pococurante, – é belo escrever-se o que se pensa; é o privilégio do homem. Por toda a nossa Itália, só se escreve o que não se pensa; aqueles que habitam a pátria dos Césares e dos Antoninos não buscam ter uma idéia sem a permissão de um jacobino. Muito me alegraria com a liberdade que inspira os gênios ingleses se a paixão e o espírito faccioso não corrompessem tudo o que tem de estimável essa preciosa liberdade.

Cândido, descobrindo um Milton, perguntou-lhe se não considerava esse autor como um grande homem.

— Quem? – explodiu Pococurante. – Esse bárbaro que faz um longo comentário do primeiro capítulo do Gênesis em dez livros de versos duros? Esse grosseiro imitador dos gregos, que desfigura a Criação, e que, enquanto Moisés representa o Ser Eterno criando o mundo com o verbo, faz com que o Messias retire um grande compasso de um armário do céu, para traçar a sua obra? Eu, estimar aquele que estragou o inferno e o diabo do Tasso; que disfarça Lúcifer ora de sapo, ora de pigmeu; que o faz repetir cem vezes as mesmas tiradas; que o faz discutir teologia; que, imitando seriamente a

invenção cômica das armas de fogo em Ariosto, obriga os diabos a disparar canhões pelo céu?! Nem eu, nem ninguém na Itália, jamais pôde apreciar essas tristes extravagâncias. O casamento do pecado e da morte, e as cobras que o pecado deita à luz, fazem vomitar qualquer homem que tenha o gosto um pouco delicado, e a sua longa descrição de um hospital só é boa para coveiros. Esse poema obscuro, extravagante e enfadonho, foi desprezado ao aparecer; eu o trato agora como foi tratado na sua pátria pelos contemporâneos. De resto, digo o que penso; e pouco me importa se os outros pensam ou não como eu.

Cândido sentia-se aflito com tais palavras; respeitava Homero, gostava um pouco de Milton.

— Ai! – dizia ele em voz baixa a Martinho, – tenho muito medo de que esse homem dedique um soberano desprezo aos nossos poetas alemães.

— Não haveria grande mal nisso – retrucou Martinho.

— Oh, que homem superior! – continuava Cândido a murmurar. – Que gênio esse Pococurante! Não lhe agrada coisa alguma.

Depois de terem assim passado em revista todos os livros, desceram para o jardim. Cândido louvou-lhe todas as belezas.

Nunca vi nada de tão mau gosto – disse o proprietário – É uma bagatela; mas já amanhã vou mandar construir outro de um traçado mais nobre.

Depois que os dois curiosos se despediram de Sua Excelência, disse Cândido a Martinho:

— Não pode negar que é esse o mais feliz dos homens, pois está acima de tudo o que possui.

— Mas não vê o senhor que ele está é enfarado de tudo o que possui? Disse Platão, há muito, que os melhores estômagos não são aqueles que repelem todos os alimentos.

— Não há então prazer em tudo criticar – disse Cândido, em sentir defeitos onde os outros julgam ver belezas?

— Há, pois, prazer em não sentir prazer? – tornou Martinho.

— Bem, quer então dizer que, feliz, só eu mesmo, quando encontrar a senhorita Cunegundes!

— Sempre é bom esperar – disse Martinho.

Entrementes, passavam-se os dias e semanas; Cacambo não voltava, e tão abismado se achava Cândido nos seus pesares, que nem mesmo notou que Paquette e o Irmão Giroflée não tinham vindo ao menos agradecer-lhe.

CAPÍTULO XXVI

DE UMA CEIA QUE CÂNDIDO E MARTINHO FIZERAM COM SEIS ESTRANGEIROS, QUEM ERAM ESTES.

Uma noite em que Cândido, em companhia de Martinho, ia sentar-se à mesa com os estrangeiros que paravam na mesma hospedaria, aborda-o pelas costas um homem de rosto bronzeado que, tomando-o pelo braço, lhe diz: “Apronte-se para partir conosco, sem falta.” Cândido se volta e dá de rosto com Cacambo. Só a vista de Cunegundes lhe poderia causar maior espanto e alegria. Abraça o seu caro amigo.

— E Cunegundes está aqui, não é? Leva-me a sua presença, para que eu morra de alegria com ela.

— Cunegundes não está aqui; está em Constantinopla.

— Meus Deus! Em Constantinopla?! Mesmo que esteja: na China, corramos, sem demora!

— Partiremos depois da ceia – tornou Cacambo. – Não lhe posso dizer mais nada; sou escravo, o meu senhor me espera; tenho de ir servi-lo à mesa; não diga nada, coma e apronte-se.

Cândido, dividido entre a alegria e a dor, encantado de rever seu fiel agente, atônito de o ver escravo, cheio da preocupação de encontrar a sua amada, com o coração palpitante, o espírito agitado, sentou-se à mesa com Martinho que considerava de sangue frio todas aquelas aventuras, e com seis estrangeiros que tinham vindo passar o carnaval em Veneza. Cacambo, que servia bebida a um desses estrangeiros, achegou-se ao ouvido de seu amo, ao fim da ceia, e disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade pode partir quando quiser, o navio está pronto.

Dito isto, retirou-se. Os convivas, atônitos, se entreolharam em silêncio, quando outro criado, aproximando-se de seu amo, lhe diz:

— Sire, a liteira de Vossa Majestade o espera em Pádua, e o barco está pronto.

O amo fez um gesto, e o criado partiu. Todos os convivas se entreolharam de novo, e a surpresa comum redobrou. Um terceiro criado, aproximando-se também de um terceiro viajante, disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade não pode demorar-se mais aqui: vou preparar tudo. – E retirou-se.

Cândido e Martinho não duvidaram mais de que se tratava de uma mascarada do carnaval. Um quarto criado disse ao quarto amo:

— Vossa Majestade poderá partir quando quiser. – E retirou-se como os outros. O quinto criado disse o mesmo ao quinto amo. Mas o sexto falou diferentemente ao sexto estrangeiro, que se achava ao lado de Cândido; disse-lhe:

— Sire, não querem conceder mais crédito a Vossa Majestade, nem a mim tampouco. Estamos em perigo de ser presos esta noite, Vossa Majestade e eu. Adeus, vou tratar dos meus assuntos.

Tendo desaparecido todos os criados, os seis forasteiros, Cândido e Martinho permaneceram em profundo silêncio, até que afinal Cândido o rompeu:

— Que singular brincadeira, meus senhores! Com que então são todos reis aqui? Quanto a mim, confesso que nem eu nem Martinho o somos.

O amo de Cacambo tomou então a palavra e disse gravemente em italiano:

Não estou brincando, chamo-me Achmet III. Fui sultão durante vários anos; destronei meu irmão; meu sobrinho me destronou; cortaram a cabeça a meus vizires; termino os meus dias no velho serralho; meu sobrinho, o sultão Mahmoud, me permite viajar algumas vezes, por motivos de saúde, e eu vim passar o carnaval em Veneza.

Falou depois um jovem que estava ao lado de Achmet:

— Chamo-me Ivan; fui imperador de todas as Rússias; destronaram-me ainda no berço; meu pai e minha mãe foram presos e eu criei-me numa prisão; tenho às vezes permissão de viajar, acompanhado de meus guardas, e vim passar o carnaval em Veneza.

Disse o terceiro:

— Sou Carlos Eduardo, rei da Inglaterra; meu pai cedeu-me seus direitos ao reino; lutei para sustentá-los; arrancaram o coração a oitocentos de meus partidários, com o qual lhes bateram as faces. Fui aprisionado; vou a Roma fazer uma visita ao rei meu pai, destronado como eu e meu avô, e vim passar o carnaval em Veneza.

O quarto tomou então a palavra e disse:

— Sou rei da Polônia; a sorte da guerra privou-me de meus Estados hereditários; meu pai sofreu os mesmos reveses; resigno-me à Providência, como o sultão Achmet, o imperador Ivan e o rei Carlos Eduardo, a quem Deus conceda longa vida, e vim passar o carnaval em Veneza.

Falou então o quinto:

— Também sou rei da Polônia. Por duas vezes perdi meu reino, mas a Providência deu-me outro Estado, onde fiz mais benefícios do que todos os reis dos sármatas, reunidos, jamais o puderam fazer às margens do Vistula.

Resigno-me também à Providência, e vim passar o carnaval em Veneza.

Faltava falar o sexto soberano:

— Não sou tão grande monarca como Vossas Majestades – disse ele. – Mas afinal fui rei como qualquer outro. Sou Teodoro; elegeram-me rei da Córsega; chamaram-me de Vossa Majestade e agora apenas me chamam de Senhor. Mandeï cunhar moedas, e não possuo uma única; tive dois secretários de Estado, e tenho apenas um criado; já me vi sobre um trono, e estive preso muito tempo em Londres, sobre umas palhas. Receio muito ser tratado do mesmo modo aqui, embora tenha vindo, como Vossas Majestades, passar o carnaval em Veneza.

Os cinco outros reis ouviram tais palavras cheios de nobre compaixão. Cada um deles deu vinte sequins ao rei Teodoro, para comprar vestuários e camisas. Cândido presenteou-o com um diamante de dois mil sequins. “Quem será esse simples particular – diziam os cinco reis – que pode dar (e dá) cem vezes mais que cada um de nós?”

No instante em que se levantavam da mesa, chegaram à mesma hospedaria quatro altezas sereníssimas que também haviam perdido seus Estados pela sorte das armas e que vinham passar o resto do carnaval em Veneza. Mas Cândido não deu a mínima atenção aos recém-chegados. Só se preocupava em ir ter com a sua querida Cunegundes em Constantinopla.

CAPÍTULO XXVII

DA VIAGEM DE CÂNDIDO A CONSTANTINOPLA.

O fiel Cacambo já conseguira, com o capitão turco que deveria levar o sultão Achmet a Constantinopla, que recebesse a bordo Cândido e Martinho. Ambos se dirigiram para o navio, depois de se haverem prosternado perante Sua Miserável Alteza. Cândido, em caminho, dizia ao companheiro:

— Vimos, pois, seis reis destronados, e com eles jantamos, e dentre esses, ainda houve um a quem dei esmola. Talvez haja muitos outros príncipes mais desgraçados. Quanto a mim, só perdi cem carneiros, e vou para os braços de Cunegundes. Mais uma vez Pangloss teve razão, meu caro Martinho: tudo está bem.

— Assim o desejo – disse Martinho.

— Mas – tornou Cândido, – em todo caso foi uma aventura muito pouco verossímil a que nos aconteceu. Jamais se ouviu contar que seis reis destronados jantassem juntos numa estalagem.

— Isso não é mais extraordinário – respondeu Martinho – que a maior parte das nossas aventuras. E, quanto à honra que tivemos de jantar com eles, é isso uma bagatela que não merece a nossa atenção.

Mal se viu a bordo, Cândido saltou ao pescoço de seu antigo criado e amigo Cacambo:

— E então? Que faz Cunegundes? Continua um prodígio de beleza? Ainda me ama? Como está ela? Não lhe compraste um palácio em Constantinopla?

— Cunegundes, meu caro patrão, é quem lava a louça, na Propôntida, em casa de um príncipe que tem muito pouca louça; é escrava da casa de um antigo soberano chamado Ragotski, a quem o Grão Turco dá três escudos por dia para o sustentar no exílio, mas o mais triste é que ela perdeu a beleza e se tornou horrivelmente feia.

— Ah! bela ou feia – disse Cândido, eu sou um homem honrado, e meu dever é amá-la toda a vida. Mas como pode estar ela reduzida a tão miserável estado, com os cinco ou seis milhões que levava?

— Pois não tive de dar dois milhões ao senhor Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Sousa, governador de Buenos Aires, para que me fosse permitido levar comigo a senhorita Cunegundes? E depois – continuou Cacambo – um pirata não nos despojou de todo o resto? E esse pirata não nos levou ao cabo de Matapan, a Milo, a Nicária, a Samos, a Petra, aos Dardanelos, a Mármora, a Sentari? Cunegundes e a velha servem na casa do príncipe de que lhe falei, e eu sou escravo do sultão destronado.

— Que espantosas calamidades encadeadas umas às outras! – exclamou Cândido. – Mas afinal ainda tenho alguns diamantes; libertarei facilmente a senhorita Cunegundes. É pena que ela se haja tornado tão feia. Depois, voltando-se para Martinho:

— A quem acha mais digno de lástima – perguntou-lhe, – o sultão Achmet, o imperador Ivan, o rei Carlos Eduardo, ou a mim?

— Não sei – disse Martinho, – era preciso que eu conhecesse o íntimo de cada um.

— Ah! se aqui estivesse, Pangloss o saberia dizer.

— Não sei com que balança – disse Martinho – poderia o seu Pangloss pesar os infortúnios dos homens e avaliar os seus sofrimentos. Só o que eu presumo é que deve haver milhões de homens no mundo cem vezes mais dignos de lástima que o rei Carlos Eduardo, o imperador Ivan e o sultão Achmet.

— Pode ser – disse Cândido.

Dentro em poucos dias se achavam no canal do Mar Negro. A primeira coisa que fez Cândido foi resgatar Cacambo bastante caro e, sem perda de tempo, meteu-se numa galera, com os companheiros, para ir à Propôntida procurar Cunegundes, por mais feia que pudesse estar.

Havia nas galés dois forçados que remavam muito mal e a quem o patrão levantino aplicava de vez em quando alguns golpes de nervo de boi sobre as espáduas nuas. Cândido, por um natural sentimento, olhou-os mais atentamente do que aos outros, e aproximou-se deles com piedade. Alguns traços de suas fisionomias desfiguradas pareceram-lhe apresentar um quê de semelhança com Pangloss e com aquele infeliz jesuíta, o barão, irmão da senhorita Cunegundes. Essa idéia o encheu de comoção e tristeza. Considerou-os mais atentamente.

— Na verdade – disse ele a Cacambo, – se eu não tivesse visto enforcar mestre Pangloss e se não me houvesse acontecido a infelicidade de matar o barão, julgaria que são eles que estão remando nesta galera.

Ao nome do barão e de Pangloss, os dois forçados soltaram um grito, estacaram e deixaram cair os remos. O levantino acorreu, e redobraram os golpes de nervo de boi.

Basta! basta! – exclamou Cândido. – Eu lhe darei todo o dinheiro que quiser.

— Como! É Cândido! – bradava um dos forçados.

— É Cândido! – bradava o outro.

— Estarei sonhando? Estarei acordado? Estou mesmo nesta galera? – indagava Cândido. – É este o senhor barão que eu matei? É este Mestre Pangloss que eu vi enforcar?

— Somos nós mesmos, somos nós mesmos – respondiam eles.

— Como! É esse o grande filósofo? – dizia Martinho.

— Escute, senhor patrão levantino -- disse Cândido, – quanto quer pelo resgate do senhor de Thunder-ten-tronckh, um dos primeiros barões do Império, e do senhor Pangloss, o mais profundo metafísico da Alemanha?

— Já que esses dois cães de forçados cristãos – respondeu o levantino – são barões e metafísicos, o que é sem dúvida uma grande dignidade na sua terra, tu, cão de cristão, me pagarás por eles cinqüenta mil sequins.

— São seus. Leve-me como um relâmpago a Constantinopla, e será pago imediatamente. Não, não; leve-me à senhorita Cunegundes.

À primeira oferta de Cândido, já o levantino virara a proa para a cidade, e fazia remar mais depressa do que um pássaro fende os ares.

Cândido abraçou cem vezes o barão e Pangloss. Como foi que eu não te matei, meu caro barão? E tu, meu Pangloss, como é que estás vivo depois de ter sido enforcado? E por que estão os dois em galés na Turquia?

— É verdade que a minha querida irmã está nesse país? – indagava o barão.

— Sim – respondia Cacambo.

— Com que então torno a ver o meu querido Cândido! – exclamava Pangloss.

— Cândido lhes apresentava Martinho e Cacambo. Todos se abraçavam, todos falavam ao mesmo tempo.

A galera voava, estava já no porto. Mandaram chamar um judeu, a quem Cândido vendeu por cinqüenta mil sequins um diamante do valor de cem mil, e que jurou por Abraão que não lhe poderia oferecer mais. Cândido pagou incontinenti o resgate do barão e de Pangloss. Este lançou-se aos pés de seu libertador e banhou-os de lágrimas; o barão agradeceu-lhe com um sinal de cabeça e prometeu devolver-lhe a quantia na primeira oportunidade.

— Mas será possível que minha irmã esteja na Turquia? – dizia ele.

Nada mais possível – respondeu Cacambo, – pois lava pratos na cozinha de um príncipe da Transilvânia.

Mandaram em seguida chamar dois judeus; Cândido vendeu mais diamantes; e partiram todos em outra galera, para ir libertar Cunegundes.

CAPÍTULO XXVIII

DO QUE ACONTECEU A CÂNDIDO, A CUNEGUNDES, A PANGLOSS, A MARTINHO ETC.

Mais uma vez perdão, meu reverendo, por lhe haver atravessado o corpo com a espada – disse Cândido ao barão.

— Bem, não falemos mais nisso; confesso que fui um pouco exaltado. Já que pretendes saber por que acaso me viste nas galés, eu te direi que, depois de ter sido curado pelo irmão boticário do Colégio, fui atacado e feito prisioneiro por uma facção espanhola, e nessas condições cheguei em Buenos Aires quando minha irmã acabava de partir. Pedi que me enviassem a Roma, para junto do vigário geral. Fui nomeado esmoler em Constantinopla, adido ao senhor embaixador da França. Não fazia oito dias que assumira o meu cargo, quando numa tarde encontrei um jovem icoglã muito simpático. O calor estava terrível: o jovem quis banhar-se; aproveitei a ocasião para também tomar um banho. Não sabia que constituísse crime capital, para um cristão, ser

encontrado nu com um jovem muçulmano. Um cadi mandou-me dar cem bastonadas na sola dos pés e condenou-me às galés perpétuas. Não creio que jamais se haja cometido tão horrível injustiça. Mas eu só desejaria saber por que é que minha irmã se acha na cozinha de um soberano da Transilvânia asilado na Turquia.

— Mas tu, meu caro Pangloss – perguntou Cândido, – como é possível que eu te torne a ver?

— É verdade – disse Pangloss – que me viste enforcar. Eu deveria ser queimado; mas deves lembrar-te que chovia a cântaros quando me iam assar: a tempestade era tão violenta que desesperaram de acender o fogo; fui enforcado porque não acharam melhor solução: Um cirurgião comprou meu corpo, levou-me para casa e dissecou-me. Fez-me primeiro uma incisão crucial, do umbigo à clavícula. Impossível ser tão mal enforcado como eu o fora. O carrasco da Santa Inquisição, que era subdiácono, sabia queimar a gente às mil maravilhas, mas não estava acostumado a enforcar: a corda, muito molhada, deslizou mal e enroscou-se; em suma, eu respirava ainda: a incisão crucial me fez lançar tamanho grito, que meu cirurgião tombou de costas, e, julgando que dissecava o diabo, fugiu morto de medo, rolando outra vez, escada abaixo. Ao ruído, correu a mulher do cirurgião; viu-me estendido na mesa com a minha incisão crucial; teve ainda mais medo que o marido, abalou a correr e caiu sobre ele. Depois que se refizeram um pouco, ouvi a cirurgiã dizer ao cirurgião:

— Também, que idéia essa tua de dissecar um herético? Não sabes que o diabo está sempre no corpo dessa gente? Vou já procurar um padre para exorcismá-lo.

Estremeci ao ouvir tal coisa, e reuni o pouco de forças que me restavam para gritar:

— Tenham piedade de mim!

Afinal o barbeiro português criou coragem; costurou minha pele; também a mulher cuidou de mim; fiquei bom ao cabo de quinze dias. O barbeiro conseguiu empregar-me como laçao de um cavaleiro de Malta que ia a Veneza; mas, como o meu patrão não tinha com que me pagar, pus-me a serviço de um mercador veneziano e acompanhei-o até Constantinopla.

Deu-me um dia a fantasia de entrar numa mesquita. Só se encontrava ali um velho imame e uma jovem devota muito bonita que dizia as suas orações e estava com o colo inteiramente nu. Tinha ela entre os dois seios um belo ramalhete de tulipas, rosas, anêmonas, ranúnculos, jacintos e orelhas-de-urso; deixou cair o ramalhete; eu logo o apanhei, colocando-o no seu lugar com respeitosa solicitude. Levei tanto tempo para o arrumar bem direitinho, que o imame se encolerizou e, vendo que eu era cristão, gritou por socorro. Levaram-me ao cádi, que me mandou dar cem varadas nas plantas dos pés e condenou-me às galeras. Fui encadeado precisamente na mesma galera e no mesmo banco que o senhor barão. Havia, entre os condenados, quatro jovens de Marselha, cinco padres napolitanos e dois monges de Corfu, que nos disseram que tais aventuras aconteciam todos os dias. O senhor barão alegava que sofrera maior injustiça do que eu; da minha parte, achava eu que era muito mais permissível ajeitar umas flores no seio de uma mulher do que estar nu com um icoglã. Discutíamos sem cessar e recebíamos vinte golpes de nervo-de-boi por dia, quando o encadeamento dos sucessos deste universo te conduziu à nossa galera e fez com que nos resgatasses.

— Pois bem! meu caro Pangloss – disse Cândido, – enquanto eras enforcado, dissecado, espancado e remavas nas galeras, sempre achavas que

tudo ia o melhor possível?

Mantenho a minha primitiva opinião – respondeu Pangloss, – pois afinal sou filósofo: não me convém desfazer-me, visto que Leibnitz não pode incorrer em erro, e a harmonia preestabelecida é a mais bela coisa do mundo, bem como o todo e a matéria sutil.

CAPÍTULO XXIX

DE COMO CÂNDIDO ENCONTROU CUNEGUNDES E A VELHA.

Enquanto Cândido, o barão, Pangloss, Martinho e Cacambo contavam as suas aventuras, filosofando sobre os acontecimentos contingentes ou não contingentes deste universo, e discutindo sobre os efeitos e as causas, o mal moral, e o mal físico, a liberdade e a necessidade, e o consolo que se pode ter depois de haver remado numa galera turca, chegaram à costa da Propôntida, onde se achava a casa do príncipe da Transilvânia. O primeiro espetáculo que se apresentou a seus olhos, foi Cunegundes e a velha, a estender toalhas no coradouro.

O barão empalideceu. E o enamorado Cândido, ao ver a sua bela Cunegundes com a pele tisonada, os olhos empapuçados, os seios murchos, as faces enrugadas, os braços vermelhos e pelancudos, recuou três passos, horrorizado, mas em seguida avançou, por delicadeza. Ela abraçou Cândido e o irmão; abraçaram a velha; Cândido resgatou as duas.

Havia na vizinhança uma pequena granja; a velha propôs a Cândido que ali se acomodassem todos, enquanto esperavam melhor destino. Cunegundes não sabia que tinha ficado feia, pois ninguém lho dissera: lembrou a Cândido a sua promessa, com um ar tão positivo, que o bondoso Cândido não se atreveu a desenganá-la. Disse, pois, ao barão, que ia desposar a sua irmã.

— Jamais consentirei – disse o barão – tal baixeza da parte dela e tal insolência da tua parte; essa infâmia nunca me será exprobrada: os filhos de minha irmã não poderiam entrar nos cabidos da Alemanha. Não, a minha irmã só se casará com um barão do Império.

Cunegundes lançou-se-lhe aos pés e banhou-os de lágrimas; ele foi inflexível.

— Louco varrido – disse-lhe Cândido, – eu te salvei das galés, eu paguei o teu resgate, eu paguei o resgate da tua irmã; ela aqui lavava pratos, ela está feia, tenho a bondade de desposá-la, e tu ainda queres opor-te! Por minha vontade, eu te mataria de novo.

— Podes matar-me outra vez – disse o barão, – mas, enquanto eu for vivo, não desposarás minha irmã.

CAPÍTULO XXX

CONCLUSÃO

Cândido, no fundo do coração; não tinha o mínimo desejo de casar com Cunegundes. Mas a inaudita insolência do barão o decidiu a efetuar o casamento, e Cunegundes instava tão vivamente que ele não podia desdizer-se. Consultou Pangloss, Martinho e o fiel Cacambo. Pangloss apresentou um belo memorial em que provava que o barão não tinha o mínimo direito sobre a sua irmã, e que esta podia, segundo todas as leis do Império, desposar Cândido com a mão esquerda. Martinho propôs lançar o barão ao mar. Cacambo opinou que deveriam devolvê-lo ao capitão levantino e às galés, enquanto não o mandavam para Roma, ao vigário geral. A proposta foi

considerada excelente; a velha aprovou-a; nada disseram à sua irmã; a coisa foi efetuada com algum dinheiro, e tiveram o prazer de enganar um jesuíta e punir o orgulho de um barão germânico.

Nada mais natural do que imaginar-se que, após tantos desastres, Cândido, casado com a sua amada, e na companhia do filósofo Pangloss, do filósofo Martinho, do prudente Cacambo e da velha, e ainda com os diamantes que trouxera da pátria dos antigos incas, levava agora a vida mais agradável deste mundo. Mas foi tão explorado pelos judeus, que afinal só lhe restou a pequena granja. A mulher, cada dia mais feia, ficara rabugenta e insuportável. A velha estava inválida e tornou-se ainda pior de gênio que Cunegundes. Cacambo, que trabalhava na horta e ia vender legumes em Constantinopla, andava exausto de trabalho e amaldiçoava o seu destino. Pangloss desesperava-se por não poder brilhar nalguma universidade da Alemanha. Quanto a Martinho, achava-se firmemente persuadido de que se está igualmente mal em toda parte, e encarava tudo com paciência. Cândido, Martinho e Pangloss discutiam às vezes metafísica e moral. Muitas vezes avistavam, pelas janelas da granja, barcos carregados de efêndis, de paxás, de cádis, a quem mandavam para o exílio em Lemmas, em Mitilene, em Erzerum. Viam chegar outros cádis, outros paxis, outros efêndis, que tomavam o lugar dos depostos e eram, por sua vez expulsos. Viam também cabeças muito bem empalhadas, para serem apresentadas ante a Sublime Porta. Tais espetáculos faziam redobrar as dissertações. E, quando não discutiam, tamanho era o aborrecimento, que a velha ousou dizer-lhes um dia:

— Desejaria saber qual é o pior: ser violada cem vezes por piratas negros, perder uma nádega, receber açoites dos búlgaros, ser batido e enforcado num auto-de-fé, ser dissecado, remar numa galera, experimentar enfim todas as misérias por que já passamos, ou ficar aqui sem. fazer nada?

Eis uma grande questão – disse Cândido.

Tais palavras provocaram novas discussões; e Martinho concluiu que o homem nascera ou para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também não afirmava coisa alguma. Pangloss confessava que sempre sofrera horrivelmente; mas, tendo uma vez afirmado que tudo ia às mil maravilhas, continuava a sustentá-lo, mas não o cria.

Uma última coisa veio firmar a Martinho nos seus detestáveis princípios, fazer com que Cândido hesitasse mais do que nunca, e embaraçar a Pangloss. É que viram chegar um dia à granja, e na mais extrema miséria., a nossa Paquette e o Irmão Giroflée. Tinham em três tempos devorado as suas três mil piastras; separaram-se, juntaram-se, brigaram, foram para a cadeia, fugiram, e afinal o Irmão Giroflée tinha virado turco. Paquette continuava, por toda. parte, a exercer o seu ofício, que não lhe rendia mais nada.

— Bem dizia eu – observou Martinho – que os presentes logo haviam de sumir-se e só os tornariam mais miseráveis. Quanto a Cândido e Cacambo, abarrotaram-se de milhões de piastras, e não são mais felizes do que o Irmão Giroflée e Paquette.

— Ai, minha pobre menina – dizia Pangloss a Paquette, – com que então o Destino te trouxe para junto de nós? E não sabes que me custaste a ponta do nariz, um olho e uma orelha? Como estás agora! E como é este mundo!

Essa nova aventura fê-los filosofar mais do que nunca. Havia na vizinhança um derviche muito famoso, que passava pelo maior filósofo da Turquia; foram consultá-lo; Pangloss tomou a palavra:

— Mestre, vimos pedir-lhe que nos esclareça por que foi criado um animal

tão estranho como o homem.

— Em que te vens meter? – disse o derviche. – Acaso é isso da tua conta?

— Mas reverendo Mestre – aventurou Cândido, – é verdadeiramente terrível todo esse mal que há na terra.

Que importa que haja mal ou bem – tornou o derviche. – Quando Sua Alteza envia um navio ao Egito, acaso se importa que os ratos de bordo se sintam bem ou não?

— Que fazer então? – perguntou Pangloss.

Calar-te – respondeu o derviche.

— Eu muito desejava – disse Pangloss – discutir um pouco com o reverendo Mestre acerca dos efeitos e das causas, do melhor dos mundos possíveis, da origem do mal, da natureza da alma e da harmonia preestabelecida.

O derviche, a estas palavras, bateu-lhe com a porta no nariz.

Durante essa conversação, espalhou-se a notícia de que acabavam de estrangular em Constantinopla dois vizires do banco e o mufti, e que haviam empalado vários de seus amigos. Essa catástrofe causava por toda parte enorme sensação durante algumas horas. Pangloss, Cândido e Martinho, de volta à granja, encontraram um bom velho que tomava a fresca à sua porta, debaixo de um laranjal. Pangloss, que era tão curioso como discutidor, perguntou-lhe como se chamava o mufti que acabavam de estrangular.

— Nada sei – respondeu o bom do velho, – eu nunca soube o nome de nenhum mufti nem de nenhum vizir ignoro absolutamente a aventura de que me falam; presumo que em geral aqueles que se metem nos negócios públicos acabam miseravelmente, e bem o merecem; mas nunca me informo do que se faz em Constantinopla; contento-me em mandar vender por lá os frutos que cultivo.

Dito isto, convidou os estrangeiros a entrar: seus dois filhos e suas duas filhas lhes ofereceram diversas espécies de refrescos que eles próprios fabricavam, kalmac temperado com casca de cidra, e laranjas, limas, abacaxis, pistaches e um bom moca não misturado com o mau café de Batávia e das ilhas. Após o que, as duas filhas daquele bom muçulmano perfumaram as barbas de Cândido, de Pangloss e de Martinho.

— O senhor com certeza possui uma vasta e magnífica terra... – disse Cândido ao turco.

— Tenho apenas vinte jeiras, que cultivo com os meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.

De volta à sua granja, Cândido pôs-se a refletir profundamente sobre as palavras do turco. Disse a Pangloss e a Martinho:

— Esse bom velho me parece ter conseguido um estado bastante preferível ao dos seis monarcas com quem tivemos a honra de cear.

— As grandezas – disse Pangloss, são muito perigosas, conforme o testemunho de todos os filósofos: pois, afinal, Eglon, rei dos moabitas, foi assassinado por Aod; Absalão, suspenso pelos cabelos, foi varado com três dardos; o rei Nadab, filho de Jeroboão, foi morto por Baasa; o rei Ela, por Zambri; Ochosias, por Jeú; Atalia, por Joiada; os reis Joaquim, Jecofias, Sedécias foram escravizados. Bem sabem como morreram Creso, Astíages, Dario, Dionísio de Siracusa, Pirro, Perseu, Anibal, Jugurta, Ariovisto, César, Pompeu, Nero, Otão, Vitélio, Domiciano, Ricardo II da Inglaterra, Eduardo II, Henrique VI, Ricardo III, Maria Stuart, Carlos I, os três Henriques da França, o imperador Henrique IV. Bem sabem que...,

— Também sei – disse Cândido – que é preciso cultivar nosso jardim.

— Tens razão – disse Pangloss, – pois quando o homem foi posto no jardim do Éden, ali foi posto ut operaretur eum, para que trabalhasse; o que prova que o homem não nasceu para o repouso.

— Trabalhem sem filosofar – disse Martinho, – é a única maneira de tornar a vida suportável.

Todo o grupo se compenetrou desse louvável desígnio. A pequena propriedade rendeu bastante. Cunegundes estava, na verdade, muito feia, mas tornou-se uma excelente doceira. Paquette bordava. A velha costurava. Nem mesmo o Irmão Giroflée se furtou ao trabalho; revelou-se um bom marceneiro; e até se tornou honesto.

— Todos os acontecimentos – dizia às vezes Pangloss a Cândido – estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um lindo castelo, a pontapés no traseiro, por amor da senhorita Cunegundes, se a Inquisição não te houvesse apanhado, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses mergulhado a espada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros da boa terra do Eldorado, não estarias aqui agora comendo doce de cidra e pistache.

— Tudo isso está muito bem dito – respondeu Cândido, – mas devemos cultivar nosso jardim.



www.dhnet.org.br